

Vida em **Comunidade**

Comunhão que educa e amor que transforma.

Coletânea de textos da 5ª Maratona Agostiniana
de Redação do Ensino Fundamental e Médio

Jean Santos Otoni
Organizador

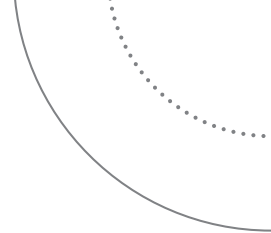




Vida em comunidade: comunhão que educa e amor que transforma

Coletânea de textos da 5ª Maratona Agostiniana de Redação
do Ensino Fundamental e Médio

Jean Santos Otoni
Organizador



Revisão:

Eduarda das Graças Arriel Oliveira
Isabela Magalhães Ferreira
Livia Marília Souza Carvalho
Maria Rita Carmo Fernandes

Revisão Final:

Ana Flávia Ferreira
Jean Santos Otoni
Maria Clara Xavier Leandro
Naísa Gécida dos Santos
Sheilla de Melo Horta
Virgínia Gomes Junqueira

DADOS DE CATALOGAÇÃO NACIONAL NA PUBLICAÇÃO

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária Ana Paula B. M. Oliveira - CRB-6/2876

V649 Vida em comunidade: comunhão que educa e amor que transforma /
organização de Jean Otoni. - Belo Horizonte: Rede Lius, 2026.
102 p. - (Coletânea de textos da 5ª Maratona Agostiniana de Redação do
Ensino Fundamental e Médio)

ISBN: 978-65-02-31187-5 (digital)

1. Leitura (Ensino Fundamental e Médio) 2. Português – Redação (Ensino
Fundamental e Médio) 3. Textos (Ensino Fundamental e Médio). I. Otoni,
Jean, org. II. Título. III. Série.

CDU- 801

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida,
por qualquer processo sem a permissão expressa do organizador.

EXPEDIENTE

REDE LIUS AGOSTINIANOS

DIRETOR DE EDUCAÇÃO

Paulo Roberto Vidal de Negreiros

GESTORA INSTITUCIONAL

Cláudia Naves

COLÉGIO SANTO AGOSTINHO

ESCOLA PROFISSIONALIZANTE SANTO AGOSTINHO

COMISSÃO ORGANIZADORA

Analista de Área do Conhecimento Institucional Sênior
Jean Santos Otoni

Analista de Área do Conhecimento Olimpíadas e Concursos
Rosiane Cristina de Azevedo Roscoe

COMISSÃO JULGADORA

Conselho Editorial:

(Professores de Produção de Textos)

Alison Leal Pêgo (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Ana Graziela Cabral Santos Moreira (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Camila Luzia Andrade Reis (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Clicia Ferreira Machado (Colégio Santo Agostinho – Unidade Divinópolis)
Cristhiane Maurício Cornélio (Escola Profissionalizante Santo Agostinho)
Débora Priscila Simião (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Gláucia Aparecida da Silva (Colégio Santo Agostinho – Unidade Divinópolis)
Hellen Cristina Oliveira de Sena Duarte (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Jean Santos Otoni (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem/SIC - Sede)
Laura Gabino Canesso Moreira (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Livia Matos Saraiva (Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez / Escola Profissionalizante Santo Agostinho)
Marcus Vinícius Leles de Barcelos (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Maria Clara Queirolo Lage (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Melissa de Paiva Branco (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Milena Axel Nascimento Costa (Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez)
Otávio Augusto Monteiro Xavier (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Roberta Xavier Lima de Castro (Colégio Santo Agostinho – Unidade Divinópolis)
Rosane Vicentina Goulart Beltrão (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Taíne Soares de Jesus (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Thamara Isabelly Soares Santos (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Thiago Soares de Paula (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte/Nova Lima)
Vera Lúcia Pinto Campos (Escola Profissionalizante Santo Agostinho)

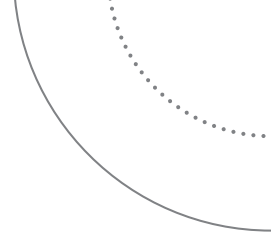
EXPEDIENTE

COMISSÃO JULGADORA

Comitê científico:

(Monitores de Produção de Textos)

Ana Carolina Ribeiro Costa (Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez)
Bruna Carvalho Zarattini (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Bruno Emanuel Roldan (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Eduarda das Graças Arriel Oliveira (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Elizângela Regina de Souza (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Gabriel Amorim Braga (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Giovanna Rodrigues Dias (Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez)
Livia Marília Souza Carvalho (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Maria Eduarda Fattini (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Maria Rita Carmo Fernandes (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Mariane Freitas de Souza (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Marília Silloti Sobral (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Melissa de Paiva Branco (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Samuel Oliveira Alves (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Taíne Soares de Jesus (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Thaís Aparecida Lima (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Valessa Diniz Cunha (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)



PREFÁCIO

Comunhão que educa, palavras que transformam

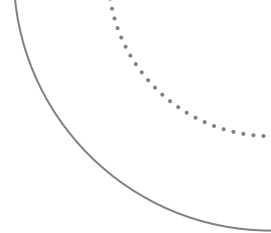
A tradição educativa nos ensina que nenhuma grande transformação humana acontece sem o encontro consigo mesmo, com os outros e com a palavra. Santo Agostinho testemunha essa verdade em sua própria trajetória por meio do diálogo com os grandes autores da Antiguidade, especialmente Cícero e os filósofos da tradição platônica, que ampliou seus horizontes intelectuais e espirituais, despertando nele o desejo pela verdade. Mais tarde, iluminado pelas Sagradas Escrituras, fez da leitura um caminho permanente de formação e da escritura um serviço à Igreja, à cultura e à humanidade. Essa herança permanece viva até os dias de hoje. Ler e escrever são práticas que ultrapassam o domínio da linguagem: são experiências de formação integral, exercício do pensamento crítico, escuta atenta e diálogo respeitoso. São caminhos privilegiados para cultivar a interioridade, compreender a realidade e assumir, com responsabilidade, o compromisso de construir a comunidade planetária guiada pelos valores civilizatórios tão urgentes.

As páginas que o(a) leitor(a) tem em mãos são fruto da **5ª Maratona Agostiniana de Redação**, uma iniciativa que reafirma a convicção de que educar é formar pessoas capazes de interpretar a realidade com sensibilidade, compromisso com o bem comum, **inteligência e coração**. Mais do que desenvolver competências linguísticas, esta experiência convida nossos estudantes a perceber que a palavra possui uma extraordinária força criadora: ela aproxima, acolhe, denuncia injustiças, desperta consciências e inaugura possibilidades de transformação.

Neste ano, a Maratona foi inspirada pelo eixo **“Vida em comunidade: comunhão que educa e amor que transforma”**. Não se trata apenas de um tema para a escrita, mas de um horizonte para a existência. A tradição agostiniana nos ensina que ninguém se realiza sozinho. Somos constituídos nas relações, crescemos no encontro com o outro e descobrimos nossa verdadeira humanidade quando aprendemos a fazer da vida um dom compartilhado.

O ser humano, como recorda o Papa Leão XIV na Carta Encíclica *Magnifica Humanitas* (239), foi criado para a comunhão. Cada pessoa é constitutivamente feita para a relação. A comunhão com os outros não é opcional; faz parte da própria vocação humana. Leão XIV, portanto, nos pede para “cuidarmos das relações”, pois a humanidade continua a pedir para ser cuidada e reconhecida “por mãos capazes de ternura, por mentes atentas e por palavras bondosas”.

Essa compreensão atravessa cada uma das produções reunidas nesta obra. Das narrativas que revelam gestos de cuidado às reflexões sobre responsabilidade social, das histórias de solidariedade às argumentações de enfrentamento às diversas formas de exclusão, os textos evidenciam adolescentes e jovens atentos às dores e às esperanças do nosso tempo. Eles nos recordam que a comunidade não



é apenas o lugar onde vivemos; mas um projeto que construímos diariamente por meio da escuta, do diálogo, da justiça e da fraternidade.

É especialmente significativo perceber como cada etapa da escolaridade foi convidada a olhar para uma dimensão concreta da convivência humana. Os adolescentes e jovens narram experiências de acolhimento, imaginam aventuras movidas pela solidariedade, refletem sobre o direito à moradia, discutem o fortalecimento da diversidade e da solidariedade na escola, reconhecem o papel da comunidade na formação das pessoas e denunciam a exclusão daqueles que permanecem invisíveis. Em todas essas abordagens, encontramos um elemento comum: a certeza de que educar é aprender a cuidar a partir da relação com o outro.

Vivemos tempos marcados pelo individualismo, pela indiferença e pela fragmentação dos vínculos sociais. Por isso, iniciativas como esta assumem um valor ainda mais profundo. Ao escrever, nossos estudantes não apenas exercitam a linguagem; exercitam a empatia, o pensamento crítico e a responsabilidade ética. Aprendem que toda palavra nasce de uma escuta e que toda boa escrita é, antes de tudo, um compromisso com a verdade, com a dignidade humana e com a vida comunitária.

Como educadores agostinianos, acreditamos que a excelência acadêmica alcança sua plenitude quando caminha lado a lado com a formação integral do ser. Esta coletânea testemunha exatamente isso. Cada texto aqui publicado revela estudantes que ousaram pensar para além de si mesmos, reconheceram a força da comunidade e criaram realidades possíveis compreendendo que pequenas atitudes podem gerar profundas transformações. Neles encontramos sinais de esperança e a certeza de que uma sociedade mais fraterna começa a ser construída quando aprendemos a olhar o outro como irmão.

Agradeço aos estudantes, professores, equipes pedagógicas e famílias que tornaram possível mais esta edição da Maratona Agostiniana de Redação. Cada produção é fruto de um processo educativo tecido com dedicação, acompanhamento e confiança no potencial de nossos estudantes.

Que a leitura destas páginas desperte em todos nós o desejo de continuar edificando comunidades onde o conhecimento seja compartilhado, a solidariedade seja cultivada e o amor permaneça como a mais bela expressão da educação.

Boa leitura!

Frei Eustáquio Alves Gouveia, OSA
Presidente da Sociedade Inteligência e Coração (SIC)



APRESENTAÇÃO

A Maratona Agostiniana de Redação foi concebida com um propósito claro: incentivar a escrita de textos de excelência acadêmica e despertar nos jovens o interesse por assuntos sensíveis à sociedade. Em sua quinta edição, o concurso convidou os participantes a produzir um texto a partir do eixo temático: "Vida em comunidade: comunhão que educa e amor que transforma". Cada texto aqui presente é um mergulho profundo nas reflexões dos estudantes sobre essa temática, o que evidencia a compreensão da influência das ações pessoais na melhoria da vida em sociedade.

Os gêneros textuais explorados nesta edição foram diversos, considerando a etapa de escolarização dos participantes, a saber:

6º ano: relato pessoal;

7º e 8º anos: conto de aventura;

9º ano: crônica narrativa;

1ª série: artigo de opinião;

2ª e 3ª séries: texto dissertativo-argumentativo.

Para guiar as produções, foram organizadas 5 categorias, cada uma com um recorte temático estabelecido pela equipe de Produção de Textos para cada ano/série.

Categoria 1 (6º ano): relato pessoal

Os participantes foram convidados a compartilhar experiências por meio de relatos pessoais sobre o tema "A importância de ter um lar". Inspirados por uma vivência em que, durante um passeio, observaram os obstáculos enfrentados por uma pessoa em situação de rua, os estudantes foram desafiados a narrar esse momento e refletir sobre os sentimentos despertados por ele.

Ao escreverem seus textos, os alunos expressaram tristeza, empatia, gratidão, indignação e solidariedade, ao mesmo tempo em que revisitaram lembranças do próprio lar, marcadas por momentos em família, refeições compartilhadas, descanso, segurança e acolhimento. Dessa forma, foram construídos relatos sensíveis que evidenciam a importância da moradia como espaço de cuidado, afeto e dignidade.

Escritas em primeira pessoa e com títulos originais, as redações selecionadas convidam o leitor a exercitar sua empatia e reconhecer o direito de todas as pessoas a um lugar em que possam viver com segurança e pertencimento. Além disso, demonstram domínio quanto à estrutura da



tipologia narrativa, com presença de personagens, espaço, tempo, fatos narrados cronologicamente. Por fim, tal proposta permitiu que os alunos colocassem em prática os aprendizados enquanto discentes, leitores e escritores.

Categoria 2 (7º e 8º anos): conto de aventura

No 7º ano, os alunos foram desafiados a dar continuidade à trama de uma família que, durante a entrega de marmitas a pessoas em situação de rua, enfrenta um imprevisto ao ficar sem combustível em uma estrada isolada. Nessa problemática, os personagens precisam superar a insegurança e o medo do conflito, buscando estratégias para finalizar a tarefa, além de retornar em segurança para casa.

Já no 8º ano, os participantes narraram a aventura de três amigos que, ao explorarem um parque reflorestado, encontram um filhote de cachorro abandonado e precisam mobilizar a comunidade para salvá-lo. Nesse horizonte, por meio da vida comunitária, da divisão equitativa de tarefas e da harmonia social, os personagens transformam, com amor, a vida de um animal indefeso.

Em ambas as propostas, foram desenvolvidos enredos envolventes, estruturados com situação inicial, conflito, clímax e desfecho, partes essenciais do gênero em questão. As histórias evidenciaram como a coragem, a cooperação e a empatia podem transformar dificuldades em oportunidades de fazer o bem. Com personagens marcantes, acontecimentos diversos e desfechos criativos, os contos demonstraram domínio dos elementos da narrativa para dar vida a aventuras que prendem a atenção do leitor do início ao fim.

Categoria 3 (9º ano): crônica narrativa

Os participantes do 9º ano, por sua vez, foram convidados a produzir uma crônica narrativa a partir do tema “A garantia do direito à moradia no Brasil contemporâneo”. Inspirados pela história de uma adolescente que, ao sair do conforto de sua casa em uma manhã de inverno, passa a observar a realidade de pessoas que vivem sem moradia digna, os estudantes desenvolveram narrativas marcadas pela sensibilidade e pela reflexão sobre as estruturas sociais que contribuem para a marginalização das populações mais vulneráveis.

Ao retratarem cenas cotidianas nos textos selecionados, foram



evidenciados sentimentos, questionamentos e mudanças de perspectiva diante das desigualdades sociais, dando destaque à importância da empatia e do reconhecimento do direito à moradia como fundamental para convivência em sociedade. Com um olhar atento para a realidade brasileira, as produções transformaram acontecimentos simples em narrativas capazes de sensibilizar o leitor e incentivar reflexões acerca da construção de uma sociedade mais justa e acolhedora.

Categoria 4 (1ª série): artigo de opinião

Os estudantes da 1ª série do Ensino Médio foram desafiados a produzir um artigo de opinião a partir de textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de suas formações. Como ponto de partida, a pergunta-temática a que precisavam responder foi “De que maneira, enquanto estudantes, podemos exercer nossa responsabilidade social para fortalecer a diversidade e a solidariedade na escola?”, o que orientou a escrita e possibilitou reflexões iniciais.

Os textos selecionados para essa coletânea alcançaram o objetivo fundamental de discutir o exercício da responsabilidade social para o fortalecimento da diversidade e da solidariedade no espaço escolar sob a perspectiva de estudantes, de forma que elencassem suas percepções sobre esse tema. Com o uso de repertórios socioculturais fundamentados, pertinentes e legitimados, os alunos embasaram os seus posicionamentos a respeito da questão norteadora, demarcaram autoria com excelência e mostraram-se críticos em relação ao papel positivo exercido por eles, fomentando a cidadania, a harmonia e a diversidade nos ambientes educacionais, ou negativo, prejudicando esse incentivo.

Por fim, os participantes demonstraram aptidão para refletir com criticidade sobre assuntos relevantes e atuais. Ao tratarem de tópicos que articulam a responsabilidade social enquanto fortalecedora de diversidade e solidariedade na escola, eles realçaram a capacidade de seleção de ideias, a competência argumentativa e a maturidade ao considerar a seriedade da problemática, que está diretamente materializada nas suas vidas a partir da convivência em sociedade.

Categoria 5 (2ª e 3ª séries): texto dissertativo-argumentativo

A última categoria reúne a discussão de duas temáticas atuais: a importância da comunidade e a exclusão de mulheres em situação de rua. Nesse sentido, os alunos das 2ª e 3ª séries foram desafiados a produzir textos



dissertativos-argumentativos escritos de acordo com os critérios do modelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Cada série foi apresentada a um tema que serviu de base para a produção das redações.

Nessa perspectiva, na 2ª série, os estudantes foram instruídos a argumentar sobre “O papel transformador da comunidade na formação social do indivíduo”. Nas produções dos discentes, foi frequente a abordagem sobre a coletividade como essencial para os cidadãos, especialmente no que tange ao voluntariado, à mobilização social, à empatia e à alteridade. Os textos aqui presentes também deixaram claro que a individualidade, enquanto oposto, distancia a garantia do desenvolvimento coletivo do indivíduo, prejudicando a comunhão.

Por sua vez, na 3ª série, os alunos foram instigados a refletir sobre a marginalização social de mulheres em situação de rua, grupo socialmente segregado e em situação de vulnerabilidade na atualidade, apoiados pela frase temática “O enfrentamento à exclusão de mulheres em situação de rua para a construção de uma comunidade acolhedora”. Desse modo, as produções selecionadas apresentaram as causas e as consequências da segregação de mulheres em situação de rua, além de reforçarem a relação entre essa exclusão e a dificuldade de encontrar acolhimento na comunidade, apresentando, ao fim da argumentação, uma proposta de intervenção que indicasse o enfrentamento a essa problemática.

Finalmente, cumprindo os critérios de correção do Enem, os textos escolhidos foram capazes de apresentar discussão consistente, com adequada seleção, organização, interpretação e relação das ideias, bem como uso de repertório sociocultural produtivo ligado à temática. As produções também foram bem avaliadas quanto à apresentação de uma proposta de intervenção que respeitasse os direitos humanos e solucionasse os problemas discutidos no texto, assim como quanto ao atendimento às regras gramaticais e à utilização de recursos coesivos, elementos importantes na construção de uma redação.

A expectativa em relação aos alunos da 2ª e da 3ª série era a produção de textos coerentes, coesos e organizados conforme a lógica do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com a habilidade de extrapolar as informações dos textos motivadores. Cabe destacar que isso foi atingido com excelência pelos estudantes.

Os discentes de todos os anos e séries superaram as expectativas ao se aprofundarem nas reflexões sobre o tema desta edição do concurso. Cada categoria trouxe à tona perspectivas únicas e abordagens inovadoras sobre a vida em comunidade, destacando a comunhão que educa e o amor que transforma.

Ressalta-se que a 5ª Maratona Agostiniana de Redação contou com a participação de 1.286 estudantes. Entre os textos produzidos, 65 foram



selecionados para compor esta coletânea, conforme estipulado pelo Artigo 7º do Edital deste concurso. A seleção contemplou produções que alcançaram grau de excelência, reconhecidas por meio de premiações na classificação geral e na classificação por unidade.

Este livro celebra o esforço, a dedicação e, acima de tudo, a paixão pela escrita que nossos alunos demonstraram. Ao folhear estas páginas, o leitor será convidado a embarcar nos olhares atentos para o coletivo e nas histórias de empatia de cada autor, descobrindo novas ideias, emoções e pontos de vista.

Esses resultados são cruciais, beneficiando tanto os professores quanto os estudantes que buscam engajar os leitores com temas sociais atuais por meio de suas escritas. O material inclui as redações finalistas, apresentando os melhores relatos pessoais, contos de aventura, crônicas narrativas, artigos de opinião e textos dissertativos-argumentativos.

É com imenso orgulho que compartilhamos estas vozes com a comunidade escolar. Espero que esta leitura inspire, provoque reflexões e celebre o poder da palavra escrita.

Jean Santos Otoni
Analista de Área do Conhecimento Institucional Sênior
Produção de Textos
jean.otoni@santoagostinho.com.br





SUMÁRIO

CATEGORIA 1

(6º ano): relato pessoal.16

A família na chuva	17
Uma atitude digna.....	18
Pequenas atitudes geram uma grande mudança.....	19
A realidade	20
Ajuda silenciosa	21
Falta de lar	22
O amor transforma vidas	23
A importância de igualdade	24
Para que reclamar?	25
Um aprendizado que nos marcou	26
Mão na massa!	27
O dia em que minha vida mudou.....	28
A importância da moradia	29
Um pequeno ato, um grande impacto na vida de alguém!	30
Agradecer as oportunidades	31
Sempre ajude o próximo	32

CATEGORIA 2

(7º e 8º anos): conto de aventura.....33

A alegria ambulante de Valenda	35
Os motoqueiros.....	36
A união faz a força	37
Uma grande aventura e um novo “amigo”	38
Uma noite de ajuda.....	39
Uma aventura em comunidade	40
Com união, tivemos o Stone	41
Amor é lar	42
Atitudes que inspiram, vínculos que transformam	43
O nascimento de Anakin.....	44
Em busca da cura do filhote	45
O cachorro salvo por um milagre.....	46
A Longa Volta para Casa	47
O cachorro de Roseburg	48
Uma tribo e um rebanho	49



CATEGORIA 3

(9º ano): crônica narrativa 50

Realidades tão diferentes que coexistem	51
Moradia nos tempos gelados.....	52
Viver ou sobreviver?.....	53
A vida de um, o sonho do outro.....	54
Moradia desumana.....	55
O conforto e o desconforto.....	56
Nosso mundo de gelo.....	57
Agradecer mais, reclamar menos.....	58
Indiferença.....	59
Como sentir preguiça ao sair de casa quando não se tem moradia?	60
A rota da empatia	61
A busca eterna por um lar	62

CATEGORIA 4

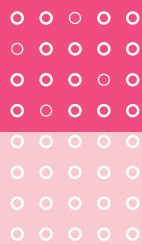
(1ª série): artigo de opinião63

Diversidade na escola: será que os alunos podem cooperar para o seu aumento?	64
Ensinando a conviver	65
Estudante: o principal agente transformador	66
A diversidade e a solidariedade no ambiente escolar	67
A rivalidade incessante não é o caminho	68
A hierarquização nas instituições de ensino brasileiras	69
Como posso fazer minha parte?	70
Geração Solidária	71
O papel crucial dos estudantes em relação aos atos de acolher e respeitar nas escolas	72

CATEGORIA 5

(2ª e 3ª séries): dissertativo-argumentativo73

TEXTO 01.....	74
TEXTO 02.....	75
TEXTO 03.....	76
TEXTO 04.....	78
TEXTO 05.....	80
TEXTO 06.....	82
TEXTO 07.....	84
TEXTO 08.....	86
TEXTO 09.....	88
TEXTO 10	89
TEXTO 11.....	90
TEXTO 12	92
TEXTO 13	94



CATEGORIA 1

6º ANO RELATO PESSOAL

Os participantes foram convidados a compartilhar experiências por meio de relatos pessoais sobre o tema “A importância de se ter um lar”. Inspirados por uma vivência em que, durante um passeio, observaram os obstáculos enfrentados por uma pessoa em situação de rua, os estudantes foram desafiados a narrar esse momento e refletir sobre os sentimentos despertados por ele. Para orientar a produção, o enunciado contou com uma breve motivação para potencializar a escrita:

“Imagine que, no trajeto até o colégio, você encontre uma família pedindo ajuda. O pai segura um cartaz em busca de apoio, enquanto os demais familiares permanecem ao seu lado. Ao observar essa cena, você passa a refletir sobre a importância de se ter um lar, acolhimento e dignidade. Com base nesse contexto, escreva um relato pessoal que narre uma experiência semelhante.”

Ao escreverem seus textos, os alunos expressaram tristeza, empatia, gratidão, indignação e solidariedade, ao mesmo tempo em que revisitaram lembranças do próprio lar, marcadas por momentos em família, refeições compartilhadas, descanso, segurança e acolhimento. Dessa forma, foram construídos relatos sensíveis que evidenciam a importância da moradia como espaço de cuidado, afeto e dignidade.

Escritas em primeira pessoa e com títulos originais, as redações selecionadas convidam o leitor a exercitar sua empatia e reconhecer o direito de todas as pessoas a um lugar onde possam viver com segurança e pertencimento. Além disso, demonstram domínio quanto à estrutura da tipologia narrativa, com presença de personagens, espaço, tempo e fatos narrados cronologicamente. Por fim, tal proposta permitiu que os alunos colocassem em prática os aprendizados enquanto discentes, leitores e escritores.



A família na chuva

Estudante: Sofia de Castro Silva Lacerda

1º Lugar Geral - Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

No ano passado, eu estava em São Paulo, uma cidade muito grande e cheia de pessoas, com meus pais nas férias de janeiro. O dia estava frio e chuvoso, então, como não era possível ir à praia, nós fomos a pé até um shopping próximo ao hotel. Estávamos caminhando e vimos uma situação muito triste que nos fez refletir: uma família de quatro pessoas dentro de uma cabana precária, de papelão, que estava quase se desmanchando com a chuva.

Enquanto passávamos em frente à cabana, eu vi que uma das crianças que estava lá dentro chorava, toda molhada e com frio, agarrando-se em uma mulher que provavelmente era sua mãe. Eu fiquei muito triste ao ver a cena tão injusta dessa criança sem o acolhimento devido e pensei que poderia ajudar em algo, porque aquelas pessoas não tinham uma moradia digna, o que é muito importante.

Continuamos em direção ao shopping e, às duas horas da tarde, dez minutos depois, tínhamos chegado. Estávamos passeando por várias lojas que eu não conhecia, mas, em vez de estar curiosa para conhecê-las, eu só pensava na situação da família.

Então, às três horas, quando estávamos saindo do local, pensei que, por mais que eu não conseguisse transformar a vida daquelas pessoas, poderia ao menos melhorar sua condição e seu dia. Assim, fomos a uma loja de roupas de cama, compramos um cobertor para eles e, depois, um pouco de comida também.

Depois que saímos do shopping, fomos até o lugar onde a família estava e entregamos as coisas que havíamos comprado. Todos ficaram felizes e agradecidos. Essa atitude, além de deixá-los melhores, também fez eu me sentir bem, pois fiz algo bom. Com isso, eu aprendi que uma boa ação, mesmo que pequena, pode transformar o dia de alguém e que ter um lar é essencial para todos. Assim, com essas pequenas ações, podemos mudar a vida de outras pessoas.



Uma atitude digna

Estudante: Cecília Targher Lamounier de Moraes

2º Lugar Geral - Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Em um belo dia, eu estava indo até a escola com meus pais, quando algo me chamou a atenção: avistei uma família na rua, pedindo por alimento e moradia. Nessa hora, parei e refleti. Às vezes, reclamo da comida, não ajudo em casa ou, quando não gosto de algo que ganhei, deixo de lado, enquanto alguns imploram por aquilo que estou desprezando.

Nessa hora, tomei uma atitude e me senti na obrigação de ajudar. Minha mãe concordou comigo e, logo, fomos nos aproximando. Quando chegamos perto, o pai da família segurava uma placa escrita assim: "Meu nome é Carlos, tenho 30 anos e quatro filhos. Eu e minha esposa estamos desempregados e fomos despejados de onde morávamos. Estamos precisando de 1.000 reais para ter uma moradia. Eu sei que é muito, mas ver minha família sofrer é horrível. Peço sua ajuda!".

Quando eu li aquilo por completo, meu coração se partiu. Refleti ao dobro. Moro em uma casa onde me sinto acolhida, tenho cama e sala, enquanto nem banheiro eles têm. Na mesma hora, enquanto eu chorava, minha mãe olhou para mim e disse que era muito dinheiro. Porém, respondi que dinheiro para uma boa ação, que faria a mim e a eles felizes, nunca é demais.

Ela, então, olhou de novo para mim e disse:

— Aqui, filha, os 1.000 reais. Entregue ao moço.

Eu, superfeliz, estendi as mãos e entreguei para o homem. Ele olhou para mim e só respondeu:

— Você mudou nossa vida.

Fui embora feliz e aliviada. Tinha feito uma linda atitude, e, agora, aquela família seria acolhida por um novo lar.



Pequenas atitudes geram uma grande mudança

Estudante: Mariana Oliveira Costa

1º Lugar da Unidade - Categorias 01

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Era um dia qualquer da semana. Estava indo à escola com meu pai, até que eu vi uma cena que partiu meu coração: uma moradora de rua com um bebê no colo implorando por algum alimento. Logo quando notei aquilo, sabia que não podia passar em branco.

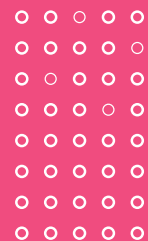
O céu estava azul claro, com poucas nuvens espalhadas por toda aquela cor. O sol raiava em cima da minha cabeça. O dia estava lindo. A mulher, em situação de rua, era magra, aparentava ser nova e tinha cabelos ralos e escuros. Parecia que ela não comia há dias. Seu provável filho estava quieto, com olhos inchados e vermelhos, como se estivesse cansado de tanto chorar. Aquela vista fez com que meu coração quase parasse. A moça dizia, sem esperanças de que fosse receber alguma ajuda:

— Você teria algum alimento para me dar, por favor?

Quando essas palavras chegaram ao meu ouvido, meu instinto exclamou para que eu abrisse minha mochila e pegasse meu lanche. Então, foi exatamente isso que eu fiz. Segurei meu lanche com as duas mãos, como se aquilo fosse um tesouro, e entreguei-o para a moça. Logo depois, peguei minha garrafinha de água e dei a ela, que assistia àquilo com lágrimas nos olhos. Depois que eu terminei de entregar os itens, a mulher disse:

— Parece que ainda há pessoas boas no mundo.

Com isso, aprendi que uma atitude simples para mim pode transformar a vida de alguém. Na hora, não soube exatamente o que era, mas era algum sentimento muito bom que eu havia sentido com a frase da mulher. Fiquei muito tocada em saber que existem milhares de pessoas passando pela mesma situação.



A realidade

Estudante: João Pedro Ribeiro Pimenta

1º Lugar da Unidade - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

Em uma sexta-feira, um dia comum de inverno e manhã gelada, eu me encontrava dentro da van a caminho da escola. Eu estava congelando, todo encapuzado, e o veículo permanecia com as janelas fechadas e o aquecedor ligado. Mesmo com todo esse frio, lá estava eu, realizando brincadeiras e fazendo todos rirem.

Passado algum tempo, ficamos presos no sinal em frente a um supermercado, onde vimos aquilo que nos chocou: um homem adulto, sentado em frente ao estabelecimento, segurava um cartaz pedindo por ajuda junto com sua filha, uma recém-nascida. A menina estava enrolada em uma coberta, enquanto o pai usava apenas um casaco naquele frio extremo. Todos da van se calaram e, durante o restante do trajeto, não falamos mais nada.

Na sala de aula, fiquei pensando em como era possível que existissem pessoas naquele estado, ainda mais uma recém-nascida. Esse episódio acabou tornando meu dia na escola mais reflexivo. Minha cabeça ficou cheia de pensamentos e questionamentos: como podem não existir equipes de apoio para esses indivíduos? Por que não há lares provisórios?

Ao chegar em casa, pesquisei um pouco sobre o tema e descobri que, na verdade, existiam, sim, ONGs para tratar desses problemas. Naquela noite, dormi bem, em um colchão macio e um ambiente quente, o que me fez refletir sobre o quanto é vital uma moradia digna e segura.



Ajuda silenciosa

Estudante: Lucas Emery Pereira

1º Lugar da Unidade - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Divinópolis

No dia 31/03/2026, eu estava a caminho da escola quando reparei em três pessoas no asfalto: uma família com um pai, uma mãe e um filho. Estavam sujos e desnutridos, segurando uma placa escrita: "Ajude-nos, nem que seja só com um prato de comida". Fiquei pensando na situação: várias pessoas não têm o que comer, água tratada e saneamento básico... Que sorte a minha de ter tudo isso!

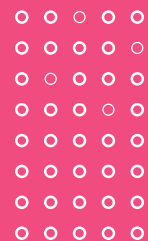
À noite era meu aniversário. Conversei com meus pais sobre o ocorrido e eles me permitiram ajudar aquela família. Como estava em um restaurante, pedi uma vasilha, coloquei no carro e voltei para casa para preparar uma refeição, com os melhores temperos e ingredientes escolhidos. Comecei a cozinhar e montar a marmita e, como sobraram ingredientes, resolvi fazer outra. Separei, coloquei no veículo e a levei na calada da noite.

Ao chegar ao local, encontrei a mesma família e entreguei o alimento com uma nota de cem reais para ajudar. Olhei nos olhos deles e disse:

— Tem pessoas que se preocupam em ajudar os outros.

Eles me agradeceram e disseram que estavam com muita fome e talvez não aguentariam sem aquela ajuda. Provavelmente, iriam desmaiar até morrer.

Ao voltar para casa, fiquei pensativo novamente. Portanto, estava determinado a ajudar quem precisava, mesmo que de forma bem silenciosa, pois aprendi que pequenos gestos podem transformar ou até salvar a vida de alguém.



Falta de lar

Estudante: Tainá Ribeiro de Oliveira

1º Lugar da Unidade - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez

Diariamente, eu preciso passar diante de uma avenida muito movimentada para ir à escola. Porém, nunca parei, por um minuto da minha vida, para pensar sobre os moradores e algumas casas dessa região. Em uma das vezes que tive que passar por aquela área, não pensei por apenas um minuto, mas sim por quase uma hora. É extremamente triste passar em casas ou em ruas mal estruturadas, pois todos merecem um lar.

Dessa vez, vi um casal que me pediu dinheiro para se sustentar. Dei a eles apenas cem reais. Muitas pessoas diriam que uma situação como essa é comum. Eu não penso dessa forma, acredito que não é normal existir tanta gente com péssimas moradias ou até mesmo sem nenhuma.

Quando retornei para casa, houve uma grande tempestade. Aproveitei enquanto a televisão estava funcionando e vi o noticiário. Um terrível ocorrido estava sendo transmitido: pessoas sem moradia morreram na avenida em que eu havia passado para ir à escola, além disso, muitas casas foram destruídas pela chuva.

Comovida com essa situação, passei a apoiar, participar e praticar ações e projetos para evitar mais situações como essa. Afinal, todos têm direito a um lar, um lugar onde há conforto e paz. Acho belas as atitudes de instituições e de colégios como o meu, que ajudam pessoas necessitadas, pois também acredito que devemos ajudar!

Precisamos estar sempre atentos: há tantas situações ruins. É essencial pensar em projetos para vários casos, pois esses não são os únicos. É decepcionante ver que a maior parte da nação (e até do planeta) está em momentos de dificuldade e pobreza.



O amor transforma vidas

Estudante: Sofia Bigão Pena

1º Lugar da Unidade - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

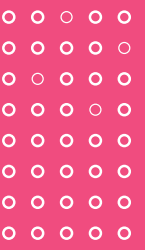
Terça-feira passada, no dia 18 de junho, eu estava a caminho da escola e, quando meus pais fizeram a curva, nós vimos uma família sem um lar pedindo ajuda. O pai estava segurando um cartaz em busca de ajuda, nele estava escrito: "Precisamos de ajuda!"

Nesse momento, o meu coração começou a bater forte, eu estava chocada, pois nunca tinha visto pessoas em uma situação como aquela. Cheguei ao colégio ainda preocupada, não parava de pensar naquela cena.

Passei o dia inteiro pensando na pobre família e, quando cheguei em casa, refleti sobre a importância de ter um lar, sem ele, nós não conseguimos viver, pois, com abrigo, conseguimos descansar e nos alimentar.

No dia seguinte, insisti para voltarmos ao local, eu estava levando comida, garrafas de água e um pouco de dinheiro para eles. Quando cheguei lá, entreguei tudo o que havia levado, eles me agradeceram muito e disseram que eu seria abençoada pela minha atitude.

Voltei para casa e pensei sobre como pequenas ações podem mudar a vida de outras pessoas. Eu nunca esqueci desse dia. Desde aquele momento, sempre me lembro de ajudar quem necessita, mesmo não tendo quase nada.



A importância de igualdade

Estudante: André Gonçalves Vilaça

1º Lugar da Unidade - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Escola Profissionalizante Santo Agostinho

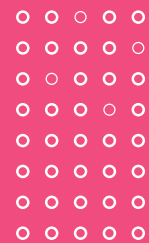
Em um belo dia, minha mãe foi me buscar na escola. Passamos pela praça e pelo centro até chegar em casa.

Decidimos que iríamos sair para ir à casa de meus avós, pois era aniversário de minha avó. Brincamos, cantamos parabéns, comemos. Foi muito legal, nós amamos.

Saindo de lá, fomos fazer a compra do mês. Chegando ao mercado, pegamos várias coisas para a nossa casa. Depois de sair, vimos um homem pedindo ajuda e eu falei para minha mãe para dar um trocado para o moço. Depois de doar para o homem, ele, tímido, falou:

— Obrigado.

Somente aquela simples fala me deixou feliz por fazer o correto, em vez de virar a cara para o pobre homem.



Para que reclamar?

Estudante: Luisa Resende Antonino

3º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Em uma quinta-feira qualquer desse ano, 2026, estava em minha casa, em um sono profundo, em meio a vários sonhos, embaixo da coberta quentinha, em um silêncio e breu total. Meu pai e minha mãe estavam no quarto em frente e meu irmão no quarto ao lado. Percebi uma movimentação lenta: era minha mãe, indo me acordar com um beijo. No dia anterior, estava quente; abri a janela e vi que choveu de noite. De um dia para outro, o clima esfriou. Então, percebi que não poderia prever nem uma parte sequer do meu dia.

O clima, como citei, estava bem frio e, quando acordei, não queria sair da cama. Pensava: “Por que sair da cama logo tão cedo e ainda ir para a escola?”, enrolando-me na coberta cheia de preguiça. Perdi dez minutos na cama e me levantei. Meu achocolatado havia esfriado e logo resmunguei irritada:

— Nossa, por que logo em um dia frio como esse meu achocolatado esfria tão rápido assim?

Troquei de roupa, coloquei um casaco quentinho, escovei os dentes e fui para o carro. Naquela sensação gelada da garagem, pensei novamente: “Por que, em pleno país tropical, está tão frio e ainda tenho que ir para a escola?”. Entrei no carro e meu pai dirigiu uns seis quilômetros. Acabávamos de chegar ao centro de Belo Horizonte.

Enquanto contornávamos uma praça, vi um pai, uma mãe e três criancinhas, com roupas meio esfarrapadas e sujas, não apropriadas para aquele frio. O pai, na mão esquerda, segurava um papelão com algumas letras meio tortas que diziam: “Nos ajude, temos fome”. Já na mão direita, havia uma lata de milho vazia para receber alguns trocados. A família era magricela e desnutrida. Estavam abaixo da marquise de uma loja ainda fechada. No carro, ainda, comecei a refletir sobre minhas ações.

Comparava-me, naquele dia, com a família que observei. Cheguei à escola, sentei-me na cadeira, sozinha, enquanto minhas várias amigas conversavam em uma roda. Comecei a pensar: “Por que reclamei de sair da minha cama que me aconchega todos os dias? Reclamei do meu achocolatado frio, sendo que também tinha muito o que comer, resmunguei devido ao frio mesmo estando agasalhada e protegida e ainda reclamei de ir para a escola, mesmo ela sendo de qualidade”.

Então, concluí: “Para que reclamar? Tenho uma vida digna e incrível, enquanto tem pessoas sem essa oportunidade”. Portanto, a reflexão se mantém como um aprendizado para a vida.



Um aprendizado que nos marcou

Estudante: Laura Carvalhar Quintão

4º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

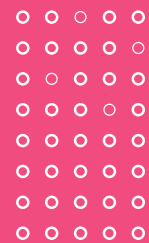
Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez

Um dia, quando eu e minha mãe estávamos no trânsito após ela me buscar na escola, nós paramos em um semáforo. Lá, um morador de rua, que se movia em uma cadeira de rodas, passava entre os carros segurando uma placa de papelão, em que estava escrito: "Por favor, me ajude!". Ele também ficava pedindo oralmente, com delicadeza e paciência.

Ao ler essa placa, nós ficamos muito comovidas e dispostas a ajudá-lo. Porém, percebemos que, naquele momento, não havia nada no carro que pudéssemos dar a ele, nem dinheiro nem comida, já que tudo estava ou em casa ou no porta-malas. Então, nós dissemos ao homem que não possuíamos nada naquele instante e que sentíamos muito por não poder auxiliá-lo.

Isso nos marcou muito mesmo, tanto que, mesmo após dias, semanas e até hoje, lembrei e me lembro disso. Portanto, nós duas e meu pai decidimos fazer diferente. Então, começamos a deixar no carro pacotes de alimentos, como biscoito, dinheiro etc., para que, sempre que alguém necessite, possamos dar para a pessoa recursos essenciais para uma vida boa e confortável.

No final das contas, essa situação ficou para sempre dentro da mente da minha mãe e, principalmente, dentro de mim, servindo de lembrete para sempre refletirmos que, apesar das diferenças, todos precisam ter a oportunidade de uma vida digna, confortável e respeitada. Dessa forma, se todo mundo ajudar, podemos promover isso de forma conjunta, para todos terem um longo período de vida gratificante.



Mão na massa!

Estudante: Alice Cardoso Batista Pereira

5º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Era um dia de sábado, daqueles em que você se sente feliz e tranquilo sem nenhum motivo. O clima estava lindo na capital mineira, com os pássaros cantando e o vento se movimentando de forma leve. Eu estava relaxando no meu espaço favorito (ou seja, o meu quarto), tranquila, até que a minha mãe, uma moça de 53 anos, bateu na porta. Ela entrou lá e me questionou se eu estava disposta a ajudá-la a preparar e distribuir alguns alimentos para o pessoal em situações difíceis.

Ela já havia mencionado antes que queria distribuir marmitas para essas pessoas e, como eu não tinha nada para fazer, aceitei o convite. Fomos direto para a cozinha e, quando cheguei lá, percebi que minhas habilidades culinárias não eram muito boas, então resolvi deixar a minha mãe cozinhar sozinha, para que eu, depois, pudesse montar as marmitas. Após um tempo, a comida ficou pronta, e confesso que quis comer um pouco, já que o cheiro estava absolutamente ótimo.

Eu peguei o recipiente de alumínio e comecei a colocar comida lá: um pedaço de carne exatamente no ponto, arroz, batata e tudo que você pode imaginar. Depois, colei um post-it com uma frase motivacional na tampa do pote e, em seguida, coloquei as mais de 20 marmitas em uma grande sacola, e tinha até bebida!

Enfim, eu e a minha mãe chamamos um táxi para nos levar até um local perto da minha casa e, quando chegamos lá, começamos a distribuir os alimentos. Enquanto distribuía as marmitas para o pessoal, percebi que os olhos deles se iluminavam de felicidade, gratos pela comida. Foi assim que percebi que a moradia deles era nas ruas e que todo dia tentavam sobreviver sozinhos. Essa luta é o que os torna mais corajosos, pois um lar é onde dá para dormir e se aconchegar.

Pelo resto da tarde, distribuí as marmitas com um sorriso no rosto, grata por ter um lar e poder compartilhar esse momento com alguém que não tem um. Ver a expressão facial do pessoal se iluminando é uma joia: a mais preciosa de todas que existem.



O dia em que minha vida mudou

Estudante: Alice Alvares Marinho Maldonado

6º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez

Um dos dias mais marcantes da minha vida foi quando eu estava indo para a escola e vi uma família pedindo ajuda. O pai estava segurando um cartaz de papelão, enquanto seus familiares estavam ao seu lado.

Cheguei à escola e conversei com as minhas amigas sobre como era triste ver pessoas assim. Pensamos em vários atos que poderiam ajudar não só essa família, mas aqueles que também passam por isso.

Pensamos em participar de uma campanha da igreja sobre o cuidado, o respeito e a moradia digna. Nela, pessoas da comunidade cristã levaram alimentos, roupas, cobertores e produtos de higiene. Depois de arrecadar muitos produtos, uma equipe os colocou em uma van e os distribuiu para esses indivíduos em condição de rua e em moradias não dignas.

No dia seguinte, tive catequese e o tema era exatamente esse! Recebemos a visita da equipe que trabalha na igreja ao lado. As moças que trabalhavam lá contaram sobre como era bom ver que, mesmo essas pessoas não tendo uma vida tão boa, elas podem ser felizes.

Nesses dias, aprendi que, quando fazemos o bem, todo mundo ganha. Sendo assim, quem ajuda se sente bem e quem é ajudado ganha novas esperanças.



A importância da moradia

Estudante: Nathália Magalhães Cardoso

7º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Era uma simples noite de inverno, e eu e os meus pais estávamos a caminho do Shopping Diamond Mall para fazer compras. Havia acabado de sair do meu treino de vôlei na equipe do Colégio Santo Agostinho e estava muito ansiosa para chegar lá, já que havia bastante tempo que não visitava o shopping. Mal sabia eu que aquela simples noite seria tão especial.

Chegando lá, minha mãe foi até a loja Verdemar para fazer as compras que precisavam ser feitas, enquanto meu pai me levou a uma loja de milk-shake e me presenteou com um sorvete que eu adorava. Fiquei muito feliz e agradei bastante.

Depois disso, nós fomos encontrar a minha mãe, que já estava na fila do caixa para pagar pelas compras, só que vimos uma mulher em situação de rua. Ela parecia suja, faminta e estava gastando suas últimas economias em um pequeno pão.

Eu fiquei muito comovida com a situação e perguntei à minha mãe se poderíamos dar algum dinheiro àquela mulher para contribuir na sua refeição. Minha mãe adorou o incentivo e me deu vinte reais para eu entregar à mulher. Ela ficou extremamente feliz com a minha contribuição e me agradeceu muito.

Aquela boa ação me deixou com o coração quentinho, por isso, assim que chegamos em casa, eu sugeri aos meus pais participarmos de uma campanha de doação de colchões para pessoas em situação de rua. Eles toparam na hora!

Naquele dia, eu pude refletir sobre o quão privilegiados nós éramos por ter casa, comida e camas para dormir, enquanto existem alguns que passam dias sem comer e dormem no breu das ruas. Ver pessoas nessas situações é de partir o coração, por isso, devemos ajudar sempre que possível, nem que seja com uma simples ação.



Um pequeno ato, um grande impacto na vida de alguém!

Estudante: Betina Moraes de Araújo

8º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Em um dia frio e chuvoso, eu estava passeando na rua molhada, quando vi uma cena triste e impactante: um homem estava sentado embaixo de uma pequena tenda, apenas com uma fina manta. Ele parecia estar com frio e fome.

Quando o vi, imediatamente me lembrei da imagem do cartaz da Campanha da Fraternidade 2026, em que há uma pessoa dormindo em cima de um banco na rua de uma cidade, provavelmente sem um abrigo ou lugar para morar. Ele estava solitário também, pois todos que o viam se afastavam.

Após perceber isso, eu resolvi agir. Não poderia deixá-lo assim, com frio, com fome e sozinho! Havia ali perto um restaurante e então pensei: vou perguntar a ele se gostaria de um prato de comida. Cheguei perto do homem, que, de início, pareceu meio espantado, mas, quando fiz a pergunta a ele, logo me respondeu. Ao ouvir que ele aceitava, resolvi lhe dar um prato de comida e um casaco, já que, infelizmente, não poderia oferecer-lhe uma casa para morar.

Cheguei com o prato de comida, com arroz e feijão, e um suco de limão. Ajudei-o a vestir o casaco e então ele começou a comer. Após terminar a refeição, o homem me agradeceu e disse que a comida estava muito boa.

Dali para frente, comecei a ir visitá-lo toda semana e a levar para ele um prato de comida e conversar um pouco. Apesar de não ganhar uma casa, ele ganhou uma amiga, que aprendeu a não julgar e a lembrar que todos os seres humanos têm direitos iguais, independentemente das condições econômicas.



Agradecer as oportunidades

Estudante: Letícia Silveira Caires Lopes

9º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

No final da tarde da última sexta-feira de março, eu estava voltando do clube a pé (por ser bem perto da minha casa) com meu pai. Estava silencioso, as ruas vazias e me sentia exausta depois de ter nadado 400 metros no treino de natação e ainda ter feito uma "academia", que também faz parte do treino (uma série de movimentos no colchão).

Quando nós estávamos passando pela padaria da esquina, vimos uma mulher com um bebê no colo. Ela usava roupas sujas, estava com o cabelo bagunçado e seu filho estava no colo, só de fralda. Senti muita pena dela, refleti que, se estivesse em seu lugar, estaria desesperada.

Vi que meu pai também se comoveu com a situação e foi falar com a moça para ver se ela queria que ele comprasse pão na padaria para ela. Ao se aproximar, a mulher começou a falar várias palavras que não entendíamos, então começou a repetir algo que parecia similar a "Rússia" e meu pai jogou no tradutor, de russo para português, para entender o que ela falava. Por fim, a moça explicou que era da Rússia e veio para o Brasil por causa da guerra. Sem saber muito o que fazer, papai lhe deu um pacote de fraldas para o bebê e um saco de pão.

Hoje, quando paro para lembrar do desespero da mulher, fico muito comovida. Como deve ter sido difícil para ela estar em uma situação tão desagradável, de rua, com um bebê e não saber falar a língua do país! Agora, todos os dias, paro para pensar o quanto devo ser grata pelo que tenho, pela vida e pelas oportunidades, principalmente pela minha família, que sempre está comigo nos momentos mais difíceis.



Sempre ajude o próximo

Estudante: Maria Flor Marques Cabral

10º Lugar Geral - Categoria 1

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Divinópolis

Eu estava saindo de casa para ir ao colégio às 12:35. Saímos mais cedo, não sei por quê. Só sei que, quando cheguei ao portão da escola, em frente, havia uma multidão, muitas pessoas falando e observando. Desci do carro e falei para o meu pai que ele podia ir levar minha irmã, pois eu iria olhar o que era aquilo.

Fui olhar e vi uma família com cinco pessoas: a mãe, o pai e três crianças. O pai segurava um cartaz dizendo: "Nós somos 5 e não temos dinheiro para comprar comida e nem temos casa". Eu pensei: "Nossa, eu deveria ajudá-los de alguma forma". Refleti muito sobre isso.

Aquela família não tinha comida nem casa. Eu não conseguiria dar uma casa, mas comida até dava. Fui à cantina do meu colégio e comprei alguns salgados, um para cada. Estava tão triste porque eles não tinham casa, passavam fome. Sem um lar, provavelmente a família passava frio, não se sentia acolhida, e as crianças nem deviam estudar.

Quando entreguei a comida para eles, ficaram muito emocionados e provavelmente felizes. Eles agradeceram a mim, e eu os ouvi dizendo "obrigado, Deus". É tão bom ajudar alguém, foi o que pensei depois disso.

Eu refleti que, quando alguém não tem comida nem lar, algo pequeno pode significar muito para eles. Pessoas que passam necessidade precisam de acolhimento e ajuda do próximo. Morar em um lar digno significa ter carinho, afeto e acolhimento, e devemos ter carinho e pensar no próximo.



CATEGORIA 2

7º E 8º ANOS CONTO DE AVENTURA

Esta seção propõe ao leitor uma experiência de aventuras, cujos protagonistas vivenciam situações desafiadoras, transformando esses obstáculos em histórias de superação e solidariedade.

No 7º ano, os alunos foram desafiados a dar continuidade à trama de uma família que, durante a entrega de marmitas a pessoas em situação de rua, enfrenta um imprevisto ao ficar sem combustível em uma estrada isolada. Nessa problemática, os personagens precisam superar a insegurança e o medo desse conflito, buscando estratégias para finalizar a tarefa, além de retornar em segurança para casa. Para isso, a proposta buscou induzir a esse tema com a seguinte imersão:

“Todas as sextas-feiras, ao anoitecer, os familiares de Lara, uma adolescente de 15 anos, mantêm o hábito de cozinhar e entregar marmitas quentinhas para um grupo de pessoas em situação de rua no interior de Minas Gerais. Esse gesto de cuidado e solidariedade é feito com seriedade há três anos e, durante esse período, eles construíram vínculos de carinho e responsabilidade por aqueles indivíduos que estão em condições vulneráveis. Em uma dessas noites, enquanto percorriam o longo trajeto mal iluminado em uma estrada de terra, a gasolina do carro acabou antes que chegassem ao destino. Rapidamente, os pais de Lara tentaram pedir ajuda por telefone, porém, o local não possuía sinal de rede.

Com base nessa situação, elabore um conto de aventura que narre os acontecimentos vividos pela família após o imprevisto. Em sua narrativa, destaque como a atitude solidária da família pode inspirar outras pessoas a praticarem o bem e contribuir para que as marmitas sejam finalmente entregues.”



CATEGORIA 2

Já no 8º ano, os participantes narraram a aventura de três amigos que, ao explorarem um parque reflorestado, encontram um filhote de cachorro abandonado e precisam mobilizar a comunidade para salvá-lo. Nesse horizonte, a partir da vida comunitária, da divisão equitativa de tarefas e da harmonia social, os personagens transformariam com amor a vida de um animal indefeso. Para suscitar a escrita, foi proposto o seguinte contexto:

“Em uma cidade montanhosa, três amigos decidiram explorar um parque recém-reflorestado, localizado em uma área distante da comunidade onde moravam. Durante a exploração, eles encontraram um filhotinho de cachorro muito doente, que fora abandonado. Juntos resolveram resgatar o bichinho, mas não tinham recursos para curá-lo.

Escreva um conto de aventura narrando essa história desde o início. Crie acontecimentos, desafios e soluções para mostrar como os amigos conseguiram salvar o filhote com a ajuda de familiares e moradores da comunidade.”

Em ambas as propostas, foram desenvolvidos enredos envolventes, estruturados com situação inicial, conflito, clímax e desfecho, partes essenciais do gênero em questão. As histórias evidenciaram como a coragem, a cooperação e a empatia podem transformar dificuldades em oportunidades de fazer o bem. Com personagens marcantes, acontecimentos diversos e desfechos criativos, os contos demonstraram domínio dos elementos da narrativa para dar vida a aventuras que prendem a atenção do leitor do início ao fim.



A alegria ambulante de Valenda

Estudante: Ana Luiza Gonçalves Campanelli Pereira

1º Lugar Geral - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Era um daqueles dias perfeitos, no qual o sol brilhava arduamente no céu, espalhando feixes coloridos por toda a superfície de Valenda. Maeve, Nate e Jacks escolheram desafiar a vida monótona da vila. Em conjunto, eles resolveram visitar o parque recém-reflorestado para se aventurarem, deixando a bruma e a força da natureza correr pelos seus corpos e recarregar suas energias. Logo, o trio se encontrou na praça principal e deu início à jornada.

Para serem recompensados, precisavam enfrentar uma austera subida, resultado das imponentes montanhas da região que cortam o trajeto. Mesmo sendo um dos mais fortes, até Nate estava se esgotando, com as mechas cor de ébano grudando na testa. Jacks estava logo atrás, com Maeve em seu encalço. Os garotos não notaram, mas ela estava amarrando uma fita carmim em abetos regularmente. De súbito, um barulho rasgou a brisa, deixando Jacks e seus ouvidos aguçados alarmados. Ressabiado, ele disparou contra a mata e seguiu o ruído insólito, chamando seus companheiros. Sem opção, ambos seguiram Jacks.

Nunca, em nenhum momento de suas vidas, o grupo havia visto algo tão precioso e ínfimo. Uma bolinha de pelos escuros como piche, com olhos âmbar que gritavam intensamente um pedido de socorro silencioso, jazia nos braços de Jacks. Como se pudesse se estilhar a qualquer instante, Maeve tocou no cão com um cuidado extremo e analisou seu estado. Enquanto isso, Nate construiu uma cama confortável de folhas sedosas. O animal piscava debilmente e a garota concluiu que seria necessário retornar a Valenda se eles quisessem salvá-lo. Jacks procurou inutilmente por algo que pudesse ajudá-los, mas encontrou apenas galhos e pedras.

Após isso, Nate entrou em desespero ao se dar conta de que não sabia o caminho de volta, um presente de seu horrível senso de localização. Antes de contagiar o grupo com o nervosismo, Maeve avançou com uma postura ativa e os olhos brilhando de orgulho e começou a guiá-los. Devido aos choramingos devastados do cãozinho, os minutos se arrastaram como horas agoniantes até, finalmente, chegarem a Valenda.

Nate quase levou a porta no peito ao entrar em sua casa, clamando por sua mãe, uma veterinária renomada da região. A segundos de explodir, o trio aguardava ansiosamente pelas mãos habilidosas de Jude, a médica. Pensando bem, se Jacks não tivesse escutado o barulho, se Maeve não fosse astuta e a mãe de Nate não fosse especialista em animais, Spike não ficaria saltitando e brincando avidamente pela cidade durante os próximos anos, alegrando a vida dos moradores locais e trazendo luz e júbilo para Valenda. A harmonia do grupo salvou uma vida esquecida e espalhou amor por toda a vila, mudando a experiência dos habitantes, que estavam fadados a se afogarem no tédio e na melancolia.



Os motoqueiros

Estudante: Marina Moraes Giudice

2º Lugar Geral - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

A família Freitas tinha um hábito: todas as sextas-feiras eles preparavam refeições e as distribuíam para pessoas em situação de rua. Um gesto que até pode parecer pequeno, mas a família via como os olhos delas brilhavam quando viam a comida. Em uma dessas sextas-feiras, porém, a gasolina do carro dos Freitas acabou no meio da estrada.

Lara, uma adolescente de 15 anos, logo perguntou, assustada, o que havia acontecido. Não ficou nem um pouco feliz quando seu pai lhe disse que a gasolina tinha acabado. Como poderia ficar feliz, afinal, se estavam presos no meio do nada, rodeados por uma floresta densa no meio da noite? Não tinha sinal de rede, o que os impossibilitava de se comunicarem com alguém.

Após alguns minutos, que para a família pareceram horas, vários motoqueiros, de jaqueta de couro, botas e regatas com estampas de bandas, passaram por eles. O medo tomou conta de todos dentro do carro, afinal, os homens pareciam bem assustadores. Lara era, de longe, a que estava mais assustada, pensando até em sair correndo do carro, fugindo, gritando e balançando os braços. Apertava os punhos tão forte que, no banco do carro, deixou marcas de suas unhas. Quando o último deles estava passando em frente ao automóvel, ele parou, desceu da moto e foi em direção ao carro.

O homem não queria fazer mal a eles, na verdade iria ajudá-los, assim como eles o ajudaram três anos atrás, quando começaram a distribuir comida. O motoqueiro, no passado, tinha sido um morador de rua e, agora, depois de tanto tempo, queria retribuir a bondade que a família havia tido com ele. Dois dos outros moços tiraram de debaixo dos assentos das motos algumas cordas e, juntos, as amarraram nas rodas do carro, enquanto Lara, atônita, apenas encarava seus pais, que choravam de surpresa e de gratidão.

Após alguns minutos, chegaram ao centro da cidade. Os motoqueiros quiseram ajudar a família a distribuir as marmitas e, juntos, conseguiram entregar todas e ver os sorrisos de felicidade de quem era ajudado. Os pais de Lara chamaram um guincho e, após um tempo, todos estavam de volta a suas casas. Depois disso, os motoqueiros e a família Freitas passaram a ir entregar a comida juntos. Após alguns anos, fundaram uma ONG, que, em pouco tempo, já estava muito grande e, hoje, muda o mundo com empatia e solidariedade.



A união faz a força

Estudante: Bella Lazzeri Figueiredo Paiva Ferreira Pereira

1º Lugar da Unidade - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Certo dia, Erick e Manuela estavam a caminho de seu destino de todas as sextas-feiras à noite: a ONG Santa Família, em que seus voluntários distribuem marmitas para moradores de rua. De repente, o carro começou a desacelerar e eles ficaram parados ali, no meio de uma longa e escura estrada de terra. A gasolina havia acabado e o casal estava sem sinal!

Os cônjuges, então, começaram a se desesperar e decidiram seguir caminho para tentar chegar à ONG. Quanto mais andavam, mais longe pareciam estar. Até que, finalmente chegaram, porém as portas estavam fechadas. O encontro havia sido remarcado e eles se esqueceram! A fadiga e a frustração lutavam para saber quem estava mais forte. Sem forças, sentaram-se ali perto para descansar e acabaram caindo no sono.

Meia hora depois, quando acordaram, encontraram Cíntia e Romero os encarando. Inicialmente tomaram um susto, mas logo em seguida se sentiram aliviados por encontrar alguém conhecido naquela cidadezinha deserta. Os amigos se conheceram no projeto, no qual Cíntia e Romero recebiam a comida. Apesar disso, eles nunca enxergaram a relação desse jeito, já que, depois de três anos convivendo, já haviam se aproximado bastante. Manuela dividiu o episódio com os colegas e, meio sem graça, Erick pediu ajuda.

Rapidamente, os companheiros conseguiram reunir todos os ajudados da comunidade (cerca de 30 pessoas) e lá foram eles todos em direção ao carro. Algum tempo depois, chegaram e começaram a empurrar o automóvel com toda a sua força. Foram horas angustiantes, mas que valeriam a pena. Por fim, o serviço estava pronto. Erick e Manuela nunca se sentiram tão gratos e certamente aprenderam que a união faz a força e o bem.



Uma grande aventura e um novo “amigo”

Estudante: Thiago Augusto Torres Vidigal

1º Lugar da Unidade - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Na cidade montanhosa de Velha Esperança, um antigo parque havia acabado de ser reflorestado e três amigos decidiram explorar um bosque de acesso restrito no local. Maria, inteligente e corajosa, Enzo, que se fazia de durão, mas era um grande medroso, e Pedro, arteiro e desajeitado, encontraram-se em uma tarde de segunda-feira, em frente ao lugar. Achavam que seria chato, mas encontrariam, ali, um dos melhores companheiros de suas vidas.

As crianças aguardavam pacientemente por um desvio de atenção dos vigias, para que, em cerca de 20 minutos, entrassem na pequena floresta. Lá dentro, andaram sem rumo, apenas caindo na lama e conhecendo o ambiente. Então, os pequenos escutaram barulhos vindo de uma moita e, ao olharem o que era, tomaram um grande susto com o um cãozinho fofo e manso.

Animados, os meninos jogaram um graveto, mas o animalzinho não quis pegá-lo. Estranhando, aproximaram-se e viram uma grande ferida na pata do bichinho. Decidiram, então, que deveriam voltar e salvá-lo, pois ali não tinham recursos para isso.

Havia, porém, um único problema: eles estavam perdidos! Andaram por um bom tempo e nada, o cachorrinho não estava mais aguentando, por isso pararam. Maria pegou uma toalha macia em sua mochila e entregou-a a Pedro, para que, revezando com Enzo, carregassem o coitado. Voltaram a buscar o caminho, até que ouviram um barulho de passos.

Os colegas pararam e se jogaram no mato. Morrendo de medo, aguardaram em silêncio. Não sabiam o que se aproximava, era o homem do saco ou um caçador malvado? Entretanto, de maligno não tinha nada, era um guarda-florestal chamado João, que lhes mostrou o caminho de volta.

Assim, correram para a praça central e chamaram vizinhos e familiares, tudo para tentar recuperar a vida do cão. De todos os cantos, veio gente: veterinários para cuidar, pessoas com ração e policiais para cercar o espaço. Com força e união, salvaram o filhote, que, depois de uma semana, já corria e brincava, tornando-se o novo ícone da região. A união da comunidade salvou uma vida e trouxe com ela um novo “amigo”!



Uma noite de ajuda

Estudante: Stella Martins Fonseca

1º Lugar da Unidade - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Divinópolis

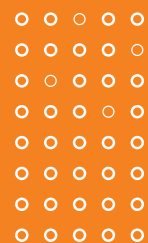
Em uma cidade do interior de Minas Gerais, mora a família de Lara, uma menina jovem e gentil que tem o hábito de cozinhar algumas marmitas para pessoas em situação de rua todas as sextas-feiras ao anoitecer. Eles já praticam esse gesto de cuidado há três anos e, por isso, todos têm um grande vínculo entre si.

Em uma dessas noites, enquanto passavam por uma longa e escura estrada de terra, a gasolina acabou antes de chegarem ao destino. Tentaram ligar para alguém pedindo ajuda, porém estavam sem internet.

Ficaram um tempo parados pensando no que fazer, mas não conseguiram pensar em nada. Depois de muito tempo naquele local, ouviram um barulho vindo da estrada à frente, que ficava cada vez mais próximo da família. Seus corações apertavam, a respiração ficava ofegante e suas mentes retrucavam: "o que isso pode ser?".

Então se esconderam dentro do carro. À medida que o som aumentava, era possível ver alguns vultos, mas, antes mesmo de pensarem em algo, perceberam que era o grupo de pessoas que eles ajudavam. Disseram que perceberam a demora e pediram ajuda para a polícia, que já chegaria ao local e os levaria aonde eles precisassem ir.

Depois de tudo, perceberam que, se você ajudar e tiver respeito com o outro, ele também o ajudará quando você mais precisar.



Uma aventura em comunidade

Estudante: Sofia de Faria e Barboza Hoffmam

1º Lugar da Unidade - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Um dia, Júlia e seus amigos, Pedro e Isadora, estavam entediados, pois a comunidade onde moravam era muito quieta. Então, decidiram procurar algo para fazer e, após pensarem bastante, resolveram que iriam a um parque recém-reflorestado na região, para caçar borboletas. Eles arrumaram suas mochilas e, animados, partiram para a aventura.

Depois de andarem por algum tempo, perceberam que o parque era distante, mas não desanimaram. Ao chegarem, começaram a procurar borboletas, no entanto, perceberam que não havia nenhuma e se perguntaram qual seria o motivo. De repente, descobriram a razão: tinha começado a chover forte! Os amigos se desesperaram e, encharcados, resolveram voltar para casa. Porém, ouviram um som muito triste vindo do meio das árvores e encontraram um cachorro filhote, que estava doente e machucado. Isadora, então, pegou-o no colo e disse:

— Gente, precisamos cuidar desse cachorrinho! Ele está tremendo!

— Isa, nós não sabemos cuidar nem de nós mesmos, quem dirá de um cão!
— disse Pedro.

— Nós vamos levá-lo para os senhores da igreja e ver o que eles podem fazer, mas não podemos deixá-lo aqui! — falou Júlia.

Todos concordaram e, após 40 minutos andando na chuva, chegaram à igreja. Júlia explicou a situação e todos se prontificaram para ajudá-lo. Pedro foi comprar ataduras com ela e Isadora enrolou o animal em vários lenços e casacos que foram emprestados. Após um tempo, o cão já estava abanando seu rabinho, pois estava confortável.

No fim do dia, os amigos perceberam que estavam exaustos, e uma senhora os levou de carro para casa. Após um banho, todos dormiram profundamente e, no dia seguinte, voltaram à igreja para ver como o animal tinha ficado. Eles descobriram que o padre o havia adotado e começaram a rir muito, refletindo sobre como a união foi importante para a cura do filhote e que, sem a comunidade, não teriam conseguido ajudar o bichinho.



Com união, tivemos o Stone

Estudante: Catarina Sampaio Cardoso

1º Lugar da Unidade - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Em uma tarde de sexta-feira, Maia, Lara e Breno, três amigos inseparáveis, decidiram explorar o parque Green Place, que havia sido reflorestado recentemente. O lugar era distante da pequena comunidade em que viviam, mas queriam muito ver como havia ficado, então isso não os impediu. Quando chegaram, depararam-se com um ambiente lindo, com árvores de todos os tamanhos, uma linda grama verde, pássaros cantando e uma brisa agradável.

Caminharam parque adentro, apreciando a paisagem, até que viram um filhotinho de cachorro, com uma linda pelagem marrom-escura e olhos negros como o carvão, que estava deitado à sombra de uma árvore, desnutrido e muito doente. Estava tão fraco que pareceu não ligar quando os três se aproximaram. A expressão do pobre animalzinho revelava apenas dor e tristeza.

Maia ficou tão comovida que, mesmo sabendo que não conseguiriam pagar uma consulta com um veterinário, muito menos adotá-lo, convenceu os amigos a o levarem para a cidade e procurarem ajuda. Breno se ofereceu para carregar o filhotinho e assim começaram seu caminho para casa. Estavam receosos, pois o coitado estava tão enfermo que parecia que, a qualquer instante, iria falecer.

Caminharam algum tempo, até que o vento ficou mais forte, o que pareceu incomodar o bichinho. Lara, que estava agasalhada, tirou seu casaco e o colocou nele, tentando aquecê-lo. Chegaram à cidade pouco depois, sem saberem o que deveriam fazer, até que Breno sugeriu que o levassem até seu avô, Tom, e lhe pedissem ajuda.

Quando contaram o que tinha acontecido, o senhorzinho, que mesmo velho era um ótimo carpinteiro, ofereceu-se para fazer uma casinha de madeira para o filhotinho, mas não conseguiria ficar com ele, pois não tinha dinheiro para mantê-lo. Até que Maia teve uma ideia: decidiu ir de casa em casa pedindo para que ajudassem a cuidar do pobre animal.

Aos poucos, a comunidade se comoveu e, unida, bancou os cuidados médicos, a alimentação e a moradia do cãozinho. Depois de um tempo, o animalzinho se recuperou, tornou-se alegre e energético, sempre brincando com as crianças e sendo amado não apenas por elas, mas por todos os moradores da cidade. Apenas uma dúvida lhes restava: qual seria seu nome? Juntos, escolheram Stone, como símbolo de que a união deles seria sólida para sempre.



Amor é lar

Estudante: Fernanda Blanco Rodrigues Torres

3º Lugar Geral - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Na cidade Vallecity, viviam três amigos extremamente próximos e unidos, Katherine, Margott e Ethan. Em todas as situações, aventuras e encrencas, os três estavam juntos e, apesar de todas as diferenças, sempre se amaram. Katherine era curiosa, forte, corajosa, animada e carinhosa, enquanto Margott e Ethan eram mais calmos, reservados e tímidos.

Após muitos anos fechado, o parque rural de Vallecity tinha sido reformado e reflorestado. Ao descobrirem sobre a inauguração, os três amigos ficaram muito felizes, pois tiveram muitas memórias nesse parque quando eram mais novos, incluindo uma cápsula do tempo que enterraram lá. Com o objetivo de saberem se a cápsula ainda estava enterrada no parque, foram até lá procurá-la.

A área era localizada perto das montanhas, longe da cidade, então demoraram para chegar, mas, ao se encontrarem em um lugar tão especial para eles, sentiram uma explosão de nostalgia, lembrando como era bom brincar lá. Margott era quem se lembrava melhor onde estava a cápsula, então foi na frente, mas, por causa da reforma do parque, ela teve dificuldade para se localizar.

Depois de andarem por muito tempo, chegaram ao lugar em que acreditavam ter enterrado a cápsula. No mesmo local, viram um cachorrinho chorando, que implorava por ajuda. O filhote parecia machucado, abandonado, então Katherine quis levá-lo para casa, mas Ethan se lembrou de que não tinham condições de criá-lo, pois moravam em uma região pequena, sem recursos, e ir para outra cidade era muito caro, mas Katherine insistiu e disse que qualquer ajuda já seria válida. Levaram o cachorro para casa bem rápido e até se esqueceram da cápsula.

Em casa, Katherine deu banho no filhote e deu comida para ele, o que o deixou melhor e mais feliz. Depois, ela até encontrou um vizinho veterinário que cuidou do bichinho, agora apelidado como "Niby". Os três amigos resolveram revezar os dias em que cuidariam de Niby. Apesar de não terem as melhores condições, o que importava era que estavam unidos e agora o cachorrinho tinha um lar, com muito amor e carinho.



Atitudes que inspiram, vínculos que transformam

Estudante: Alice Fialho Silva

4º Lugar Geral - Categoria 2

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Todas as sextas-feiras, ao anoitecer, os familiares de Lara, uma adolescente de 15 anos, distribuem marmitas no interior de Minas Gerais. Ricardo, o pai, e Ângela, a mãe, têm o hábito de cozinhar e entregar comida para um grupo de pessoas em situação de rua. Durante três anos, essa atitude construiu nos adultos vínculos de carinho e responsabilidade por aqueles indivíduos. A garota, por sua vez, nunca entendeu a importância e o sentimento que aquelas noites tinham para seus pais.

Certa vez, quando Ricardo e Ângela percorriam o longo trajeto mal iluminado em uma estrada de terra, a gasolina do carro acabou antes de chegarem ao destino. Rapidamente, tentaram pedir resgate por telefone, porém o local não possuía sinal de rede. O casal estava no meio de um vilarejo, pequeno e escuro. Eles estavam perdidos, não sabiam o que fazer, mas, ao caminharem bastante, acharam uma pequena parte urbana. Quando viram as pequenas casas com faixas de luz iluminando as ruas, receosos, tomaram uma decisão: pedir ajuda.

Assim foi feito, bateram de porta em porta, contando o ocorrido e juntando pessoas dispostas a ajudar. Dessa forma, montaram um plano: certo grupo buscaria gasolina e o outro procuraria mais pessoas que se juntariam à missão. Com muito esforço, com ajuda do grupo, encheram os tanques do carro. Comovidos pela ação, o vilarejo juntou-se e foi entregar também as refeições. Diversas famílias reuniram-se em carros e partiram ao destino de distribuição das marmitas, seguindo o casal.

Ao chegarem, todos entregaram as comidas aos indivíduos. Ricardo e Ângela chamaram Lara para ir ao local, e ela decidiu dar uma chance para a tradição dos pais. Quando viu todas aquelas pessoas inspiradas pela ação, compreendeu o valor daquilo e, assim, a adolescente passou a juntar-se com a família todas as sextas-feiras, à noite, para fazer o bem aos grupos em condições vulneráveis.



O nascimento de Anakin

Estudante: Lorenzo Oliveira Santos

5º Lugar Geral - Categoria 02

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Era uma tarde de clima ameno, no Parque Frankfurt, a dois mil metros de altitude em Ottawa, Canadá. Luke, Thiago e Geraldo estavam fazendo um passeio de última hora no parque, agora recém-reflorestado. Como eram ecólogos, entusiastas da Ecologia, decidiram entrar e ver o novo e mais famoso “Frankfurt”.

Quando entraram, ficaram admirados com tamanha mudança — o concreto deu lugar à vegetação, os letreiros, agora, eram legíveis e brilhantes. Assim, ainda mais curiosos, foram rapidamente para a trilha ecológica.

Enquanto exploravam a trilha, Luke, que era alto, ia pegando as frutas do pomar recém-cultivado, Thiago, muito inteligente e fã dos mapas, foi olhando os caminhos possíveis e a vegetação nativa. Já Geraldo, o fotógrafo do grupo, vinha tirando fotos e mais fotos de tudo: paisagens, animais, amigos etc. Todos estavam com o mesmo olhar de quem está apaixonado com o que vê. Andando mais um pouco, depararam-se com uma cena muito triste: um filhote de cachorro muito machucado. Rapidamente, atentaram-se a ele.

Logo, correram para ajudá-lo. Thiago imediatamente o colocou no colo, enquanto voltavam desesperados para o carro. Ao entrar no veículo, Luke foi ligando para sua mãe, pedindo para que buscasse ajuda na cidade; Geraldo, apreensivo, apelou para a fé e clamou a Deus por ajuda em oração. Como eles moravam em uma cidade longe do parque, estavam totalmente sem recursos, bastava apenas esperar e clamar. Chegando à cidade, foram recebidos com muita ajuda da comunidade, desde água e ração até veterinários e, assim, salvaram o cachorrinho que, agora bem e renascido, fora adotado por eles e batizado de “Anakin”.



Em busca da cura do filhote

Estudante: Luísa Passos Araújo

6º Lugar Geral - Categoria 2

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

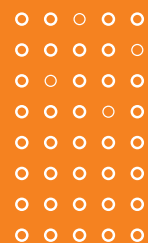
Certo dia, Helen, Lucas e Marcos, três amigos que viviam em uma pequena comunidade, decidiram ir a um parque recém-reflorestado para explorá-lo. O céu estava com um tom de azul límpido, e o clima, ameno. As crianças caminhavam tranquilamente, quando ouviram sons vindos de trás de um arbusto.

Ao procurarem pela fonte do barulho, depararam-se com um filhote de cachorro, que, aparentemente, havia sido abandonado. Helen imediatamente o pegou no colo e percebeu que ele estava doente. Lucas logo se comoveu e sugeriu que os três o levassem para o lugar onde viviam. Assim, os amigos saíram em busca de ajuda.

Eles passaram pelas árvores e pela grama bem cuidadas, pequenos insetos e bancos de madeira do parque e chegaram à beira de um rio. No entanto, a canoa que usaram para atravessar havia sido puxada pela correnteza. Desesperado, Marcos começou a gritar para as pessoas da comunidade, e logo havia uma multidão para ajudá-los.

Um homem entrou em um barquinho e o levou até as crianças. Eles remaram rapidamente e chegaram ao outro lado em um instante. De repente, a canoa ficou presa na lama do fundo do rio. Os amigos estavam muito preocupados, pois não conseguiriam salvar o cachorrinho. Porém, quando menos esperavam, a multidão de pessoas começou a gritar, e os pais jogaram uma corda, que se prendeu na canoa.

Com muito esforço coletivo, os moradores e os familiares puxaram o barco e todos saíram seguros. Assim, com união e empatia, o filhotinho foi resgatado e salvo. Após essa aventura, os três amigos o adotaram e perceberam a importância da convivência e da harmonia na sociedade.



O cachorro salvo por um milagre

Estudante: Lucas Andreazza Paiva

7º Lugar Geral - Categoria 2

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

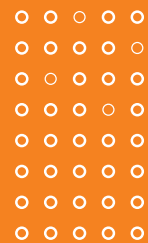
Na manhã de um dia ensolarado em Porto, três amigos estavam viajando para Lisboa, no intuito de conhecerem o local. Rafael, o mais esperto, liderava o grupo, Rodrigo, o mais empolgado, apenas dizia que seria incrível, e Theo, o mais quieto, só observava.

A cidade era montanhosa e o trajeto era perigoso e difícil. Entretanto, conseguiram chegar sem dificuldade. Ao chegarem, quiseram explorar os pontos turísticos e ficaram sabendo que havia um parque reflorestado não tão longe dali. Ficaram animados e foram até lá no mesmo instante.

Quando chegaram ao parque, no final da tarde, tinham a intenção de ver o pôr do sol no local. Os três amigos exploraram cada lugar do parque e acharam tudo lindo, porém, sempre ouviam latidos fracos e choros suaves, mas o trio achou que era o vento e não deram importância. Porém, Theo sabia que algo estava errado. Assistiram ao pôr do sol e quiseram ir embora.

Quando estavam prontos para irem para casa, Theo foi ver a vista pela última vez e, de repente, deparou-se com um cachorro agonizante e abandonado. Ele estava certo, resgatou-o imediatamente. Escureceu e o garoto procurava seu grupo sem achar e, então, lembrou-se das palavras da sua avó que sempre dizia para seguir o vento. Fez isso e achou o grupo. Segurou o pingente que sua avó o havia dado e agradeceu.

Em seguida, foram ágeis e levaram o cachorro no carro, em direção a uma vila próxima. Rafael dirigia rápido, enquanto Rodrigo e Theo saciaram a sede e a fome do cachorro. Ao chegarem à vila, o veterinário examinou e tratou do cão de forma rápida. O trio estava perplexo e Theo pediu bênçãos da sua avó para reanimarem o cachorrinho. De repente, o animal voltou a respirar e seus batimentos estavam bons. A vila, que sabia da história e confiava que daria certo, explodiu de alegria. Os meninos se abraçaram e Theo agradeceu a sua avó, que salvou o seu dia.



A Longa Volta para Casa

Estudante: Maria Eduarda Lima Alaerts

8º Lugar Geral - Categoria 2

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Em uma manhã, um grupo de amigos decidiu explorar um parque recém-reflorestado, localizado em uma área distante da comunidade em que viviam. Obviamente, Charlie, um garoto muito corajoso, foi quem deu a ideia. À primeira vista, Lily, uma garota gentil e cuidadosa, não aceitou a proposta, porém, depois de um tempo, percebeu que a experiência poderia ser bastante divertida. Por outro lado, Bruno, tímido e medroso como era, foi o mais relutante a fazer o passeio. Entretanto, foi convencido pelos colegas após implorarem avidamente.

Assim, naquele mesmo dia, rumaram à vasta extensão de terra por toda a manhã. Como esperado, passaram a maior parte do tempo rindo e correndo por entre a vegetação rasteira, as árvores secas e as montanhas do local. De repente, encontraram, após seguirem um latido distante, um cãozinho encolhido e machucado embaixo de um monte de folhas ressecadas.

— Oh, não! O animalzinho deve ter caído deste barranco! — Lily disse e apontou para a encosta de uma colina próxima. — Ele está mancando, provavelmente quebrou a patinha! — continuou.

Depois disso, os amigos vagaram pelo parque sem rumo, até que perceberam que estavam completamente perdidos.

Após uma longa caminhada, viram ao longe uma casinha solitária no topo de uma colina. Rumaram para o local e descobriram que lá vivia um senhor de idade. Ele parecia um pouco maluco, com os cabelos bagunçados e espetados. Bruno alertou para não confiarem no homem desconhecido, entretanto, o desespero e a fome dos meninos falaram mais alto, assim adentraram o barracão. Inesperadamente, o moço era demasiado sábio e gentil, ajudando a cuidar do cachorrinho, enfaixando sua pata. Além disso, deu as coordenadas necessárias para conseguirem chegar aos seus lares.

Dessa maneira, os jovens continuaram sua jornada. Após o crepúsculo, a mata era muito mais amedrontadora, com barulhos de animais selvagens e breu total. Charlie estava pensando nisso quando Bruno deu um berro de dor altíssimo: ele tinha tropeçado e se machucado, cortando o braço.

— Vamos continuar, não liguem para mim, já estamos quase chegando em casa.

Logo, continuaram a trotar, pois andar já não era mais uma opção. Pouco tempo depois, finalmente, conseguiram voltar aos seus lares. Bruno e o animalzinho foram medicados e tratados da melhor forma possível.

— Fique com o cão, Lily. — Charlie sugeriu.

Assim, a menina adotou o cão, feliz da vida.



O cachorro de Roseburg

Estudante: Theo Panoutsos Oliveira

9º Lugar Geral - Categoria 2

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

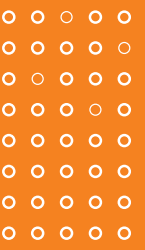
Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Em uma cidade próxima das Montanhas Rochosas, nos Estados Unidos, residiam Marcelo, Tiago e Frugoli. Eles se conheciam há bastante tempo. Desse modo, em suas férias de verão, após saberem do reflorestamento de Roseburg, um parque antigo da região que estava fechado devido a um incêndio, decidiram explorá-lo.

Partiram no carro de Marcelo, que era antigo, mas o jovem tinha um certo apego emocional àquele veículo, pois era de seu avô. No parque, esperavam um passeio tranquilo, porém repararam na ausência de pessoas, o que causou dúvida. Adentraram na mata. Após alguns minutos de caminhada, ouviram ganidos, como os de um filhote. Então, seguiram os barulhos.

Os sons iam ficando cada vez mais altos. Até que encontraram um cão sujo, machucado, aparentemente triste e doente. Tiago sugeriu resgatá-lo, Frugoli negou de imediato, conferindo com Marcelo pelo olhar, para ver se ele concordaria. Contudo, neste desentendimento, eles ouviram passos pesados, pareciam os de algum bicho grande. Apesar das negações, Tiago tampouco abalou-se, pegou o animal e correu junto com seus amigos para o carro, que, com dificuldade, pela sua idade, ligou.

Aceleraram sem nem saber o que poderia ser tal criatura. Ao chegar em casa, a mãe do garoto, que salvou o filhote, junto a seus vizinhos, forneceu abrigo e tratamento ao cão. Em comunidade, com os outros dois amigos doando alimento, o cachorro viveu bem e Tiago teve um novo melhor amigo. Portanto, a união de todos foi imprescindível para a recuperação do animalzinho.



Uma tribo e um rebanho

Estudante: Helena Hoehne Silva Lima

10º Lugar Geral - Categoria 2

7º e 8º anos - Ensino Fundamental

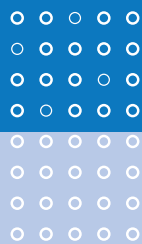
Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Depois de anos entregando marmitas, Lara e seus familiares, Roberto e Amanda, foram para o interior de Minas Gerais em uma sexta-feira. Lara estava pensando, mais uma vez, em como seria lá e logo chegou a hora da viagem. Todos estavam ansiosos, portanto, saíram rapidamente com as refeições para caridade.

Eles entraram no carro e partiram para o local, pensando que seria um longo caminho pela frente. Os três passaram por um trajeto extenso, como já imaginavam. Ele era mal iluminado e, por isso, Lara começou a ficar preocupada com alguma coisa. De repente, a gasolina acabou e não havia sinal de rede para que eles pudessem pedir ajuda pelo telefone.

Todos ficaram desesperados com a situação, então saíram procurando por ajuda. Amanda, com frio na barriga, avisou Roberto que havia algo se aproximando. Assustados, eles começaram a empurrar o carro com toda força, era um rebanho que estava vindo até eles. Um grupo de indígenas, por sorte, apareceu bem na hora e disseram que iriam ajudá-los. Eles foram correndo buscar gasolina, enquanto Lara e seus parentes continuaram empurrando o veículo.

No final de tudo, todos se sentiram aliviados, já que o grupo de animais acabou se desviando dali. Mesmo assim, usaram a gasolina para continuar o percurso. Felizmente, Amanda e sua família chegaram bem no lugar e ajudaram as pessoas que viviam ali, sem se esquecerem de que também foram ajudados.

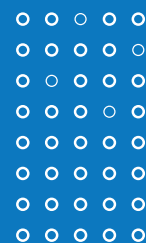


CATEGORIA 3

9º ANO CRÔNICA NARRATIVA

Os participantes do 9º ano, por sua vez, foram convidados a produzir uma crônica narrativa a partir do tema “A garantia do direito à moradia no Brasil contemporâneo”. Inspirados pela história de uma adolescente que, ao sair do conforto de sua casa em uma manhã de inverno, passa a observar a realidade de pessoas que vivem sem uma moradia digna, os alunos desenvolveram narrativas marcadas pela sensibilidade e pela reflexão das estruturas sociais que marginalizam as populações mais vulneráveis.

Ao retratarem cenas cotidianas nos textos selecionados, foram evidenciados sentimentos, questionamentos e mudanças de perspectiva diante das desigualdades sociais, dando destaque à importância da empatia e do reconhecimento do direito à moradia como fundamental para a convivência em sociedade. Com um olhar atento para a realidade brasileira, as produções transformaram acontecimentos simples em narrativas capazes de sensibilizar o leitor e incentivar reflexões acerca da construção de uma sociedade mais justa e acolhedora.



Realidades tão diferentes que coexistem

Estudante: Beatriz Souza Pinto

1º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Era uma manhã chuvosa, meu despertador tocou às 6h30min da manhã. Tudo que eu queria era ficar o dia inteiro debaixo das cobertas e não ir para a aula. Porém, minha mãe nunca me deixa faltar, então entrei no carro e fomos em direção ao colégio. Durante o caminho, eu normalmente escuto músicas, entretanto, naquele dia, havia esquecido meu fone, portanto decidi observar as ruas pela janela.

Ao longo desse percurso, notei algo que sempre passou despercebido para mim: a quantidade de famílias e pessoas morando nas ruas. Essa situação me deixou extremamente incomodada, pois era injusto tantas pessoas não possuírem uma cama quentinha para dormir, um lugar estável para ficar, enquanto milhares de outras possuem. Assim que cheguei à escola, vi um casal sentado no chão vendendo doces, enquanto uma criança estava dormindo em um papelão.

— Bom dia! Vou querer um brigadeiro, por favor! — Eu disse.

— Claro, moça! Muito obrigada! — Respondeu a mulher do casal.

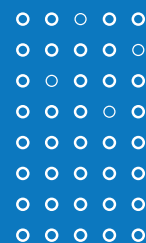
Eu estava muito incomodada com toda a situação e decidi perguntar:

— Desculpa a indelicadeza, mas por que vocês vivem nas ruas?

— Sem problemas! Somos refugiados da Venezuela. quando chegamos ao Brasil, não conseguimos emprego devido à xenofobia, e os abrigos estavam superlotados.

Infelizmente, o sinal tocou e eu tive que ir para a aula, desejei o melhor para a família, mesmo assim não consegui parar de pensar em tudo aquilo que vi. Portanto, quando cheguei em casa, fiz pesquisas para compreender mais sobre o assunto e os resultados foram chocantes: descobri que, no Brasil, milhares de pessoas vivem em situação de rua, isso me entristeceu muito.

Tudo o que vi no caminho, os venezuelanos com quem conversei e toda a minha pesquisa me fizeram refletir o quanto realidades tão diferentes coexistem. Além disso, isso me fez perceber que devo ser grata por tudo que tenho e que devo reclamar menos, pois meu dia comum é o sonho de muitos.



Moradia nos tempos gelados

Estudante: Antonella Brugger de Assis

2º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

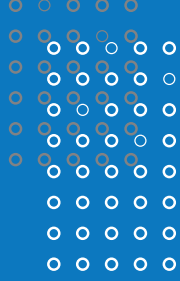
Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Hoje de manhã, logo que acordei, percebi o frio intenso. Eram seis horas e o sol aparecia timidamente com seus fracos raios. "Como vou enfrentar esse dia gelado?", murmurei enquanto via a temperatura em meu celular. No inverno desse ano, os termômetros não marcaram mais que 17 °C. Com isso, tive dificuldade de sair da minha cama quentinha para ir à escola. Em todo o processo de me arrumar e de sair de casa, repetia: "não é fácil viver o que vivo! Sempre sou 'arrancada' de meu conforto! Minha situação é tão complicada", reclamava mais e mais.

Foi nesse contexto que, finalmente, saí de casa. Andando pela rua de sempre, pensei que não havia mais ninguém ali, mas, quando passei pela praça do bairro, vi uma pessoa deitada no chão, embaixo do banco de madeira. Ao observar melhor, choquei-me com a realidade: é uma criança! Trêmula e descoberta, sozinha. Seus olhos arregalados pediam socorro. Seu pequeno corpo encolhia-se com o vento gelado. Nesse momento, até pensei em perguntá-la sobre sua família ou sobre sua moradia, mas precisava seguir o percurso.

Na esquina seguinte, ainda com a cena presa em meus pensamentos, deparei-me com outra situação. Um "morador" de rua estava sendo expulso da frente de um supermercado. "Eu só vim pedir um cobertor", gaguejava, explicando-se para o funcionário. Ele apontava para a praça, com olhos que pediam misericórdia. Ao vê-lo, logo percebi: era o pai do garoto que eu acabara de ver. Atordoada, sigo meu caminho. Ainda visualizo seus pés descalços, enquanto os meus estão aquecidos. Assim, reflito sobre a minha própria realidade. A poucos minutos, murmurava a respeito de minha situação, mesmo tendo uma cama e uma moradia quente e confortável! Tudo isso enquanto uma família, bem ao meu lado, virava a noite sem, ao menos, um teto!

Foi a partir disso que pensei sobre as tantas pessoas, tantas famílias do Brasil que estão nessa situação. Não têm roupas, agasalhos e, principalmente, não têm uma casa! Enquanto alguns – até mesmo eu – reclamam de uma vida tão boa e satisfatória, muitos em uma mesma nação sofrem. E por quê? Porque não têm garantido o básico: a moradia, o lar.



Viver ou sobreviver?

Estudante: Antonella Bernardes Euzebio Maia

1º Lugar da Unidade - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

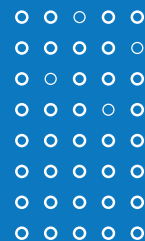
Colégio Santo Agostinho – Unidade Divinópolis

Estava frio e eu estava dormindo com os muitos cobertores que me cobriam, quando o meu alarme despertou, acordando-me para a realidade. Não queria sair da cama, mas sabia que precisava, então me levantei, arrumei-me e fui para a escola.

No caminho, passei a observar coisas que não tinha visto antes e comecei a me perguntar se a lei era realmente eficaz, já que nela consta que o direito à moradia é para todos. No meio desse trajeto, percebi que havia um homem na calçada que dormia em cima de um papelão e com uma coberta tão fina que mal o esquentava. Notei também que ele tremia e tentava, cada vez mais, agarrar-se ao cobertor, em uma tentativa falha de se tornarem um só.

Mais à frente, um guarda tentava expulsar uma pessoa em situação de rua que dormia embaixo de um outdoor, que anunciava mais um novo condomínio de luxo que seria lançado em breve. Durante todo o trajeto, enquanto olhava as ruas e as calçadas que eu andava, observei inúmeras casas construídas em lugares precários, muitas vezes em cima de outras e, às vezes, inacabadas. Eu olhava isso e me perguntava se realmente aqueles lugares poderiam ser considerados uma moradia.

Cheguei à escola pensando sobre tudo o que eu havia visto. Perguntei-me o que uma pessoa precisava fazer para ser submetida a essa situação e se realmente havia uma explicação válida para a grande desigualdade que prevalece no Brasil. Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que, para poucos terem muito, muitos terão pouco.



A vida de um, o sonho do outro

Estudante: Júlia Lessa de Araújo

1º Lugar da Unidade - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez

Em uma manhã fria, acordei para ir à escola com dificuldade de levantar-me da minha cama aconchegante e quente. Com esse clima e o conforto de casa, tudo o que eu queria era não ir à aula, mas, de qualquer forma, ou melhor, obrigada pela minha mãe, fui mesmo assim. No caminho, com os olhos quase fechados de sono, algumas cenas os mantiveram abertos.

Inicialmente, era para ser apenas um trajeto de quinze minutos com um cochilo até chegar à escola. No entanto, logo ao sair de casa, me deparei com duas crianças, que pareciam ter 4 e 6 anos, deitadas em um único e velho colchão e cobertas por alguns jornais. Ao observá-las, lembrei-me da minha moradia e da ótima vida que eu tinha, mas também das minhas reclamações fúteis. Um pouco à frente, havia uma mulher, que deduzi ser mãe dos meninos, pedindo ajuda e o básico na porta de uma padaria, apenas tentando sobreviver.

Em seguida, vi diversos moradores de rua deitados em bancos, debaixo das árvores e, principalmente, em viadutos, sem roupas adequadas, higiene, comida e coisas que são “garantidas” por direito. Durante esse percurso, que parecia mais longo do que realmente é, meu sono foi embora. A cada esquina, havia crianças inocentes sem lar e sem acesso à escola, lugar para onde eu não queria ir. Ao redor, viam-se prédios e construções de luxo que escondiam a pobreza e não podiam ser pagos por aquelas famílias que observei, o que me deixou irritada até chegar ao colégio.

Dessa forma, passei o resto do dia refletindo sobre a vida de cada uma das pessoas que vi nas ruas e lidando com a culpa de todas as reclamações que fiz por pequenos problemas. Logo, percebi como muitas pessoas enfrentam a falta de acesso ao básico, principalmente à moradia, e sonham com a vida de que tanto reclamo.

Moradia desumana

Estudante: Gabriela Joukhadar Marques

3º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

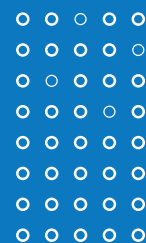
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

Era mais um dia comum de inverno na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Assim que eu ouvi o despertador tocar, um sentimento profundo de raiva e tristeza subiu pelo meu peito. Afinal, deixar a minha cama quentinha para ir à escola não é nada agradável. Porém, eu me levantei mesmo assim, tomei meu café da manhã, que, por sinal, estava ótimo, e fui para o colégio, ainda reclamando por ter que ir estudar.

Comecei a andar e senti o vento frio bater contra o meu rosto. Não era um frio insuportável, mas, mesmo assim, fechei o zíper da blusa e continuei andando. Foi quando eu me deparei com uma família de pessoas em situação de rua que, claramente, estava passando por dificuldades: suas pernas tremiam, suas peles estavam arrepiadas e seus rostos estavam pálidos. Encarei a cena com certo espanto, ainda mais na hora que todos eles se aproximaram e se abraçaram para tentarem se aquecer.

Não consegui desviar o olhar e um sentimento de culpa tomou conta de mim. Afinal, o que eu estava fazendo ali, reclamando de barriga cheia? Pude notar as costelas das criancinhas aparecendo de tão magras que eram e, ainda assim, não ouvi uma reclamação sequer vindo de algum deles, enquanto sentiam a fome perfurar seus estômagos e o frio congelar suas peles. Eu podia não estar com tanto frio por causa da minha roupa quentinha, mas isso não anulava o fato de que havia pessoas, na minha frente, sem uma casa confortável para se abrigarem e sem um prato de comida para tentarem sobreviver.

Sendo assim, me aproximei da família e lhes entreguei o lanche que eu comeria no intervalo das aulas, afinal, era o mínimo que eu podia fazer por eles. A reação deles foi de partir o coração: as crianças começaram a pular de alegria, os pais arregalaram os olhos e soltaram lágrimas de alívio e todos me deram o sorriso mais sincero que alguém poderia receber. Dessa maneira, vale refletir: será que estamos fazendo certo ao reclamar de nossas vidas sendo que temos tudo do bom e do melhor à nossa volta? Enquanto estamos dormindo em colchões macios, há pessoas enfrentando o perigo das ruas e sendo vítimas da desigualdade social do Brasil. Então, cabe a nós honrarmos nossas boas condições, compartilhando recursos básicos com aqueles que, infelizmente, não possuem sequer uma migalha de pão na mesa no fim do dia.



O conforto e o desconforto

Estudante: Melina Couto Araújo

4º Lugar Geral - Categoria 3

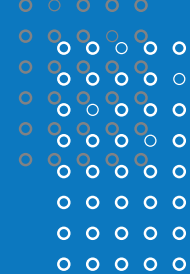
9º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima

Era manhã de uma terça-feira. Eu havia acabado de acordar com os gritos da minha mãe me apressando para a escola. O tempo estava frio, minha coberta estava quentinha e minha cama estava tão fofa quanto uma nuvem, não haveria lugar melhor. Tento convencer meus pais a faltar a escola como se fosse um cão pidão. Digo a eles que a temperatura está muito baixa para sair do conforto do meu travesseiro. Embora ambos também estivessem arrepiados com a sensação térmica, mandaram que eu fosse me arrumar, pois o dia seria longo.

Coloco três tipos de casacos diferentes e, ainda assim, sinto meus pelos levantados pela temperatura baixa. Entro no carro com uma cara fechada e minha mãe começa a dirigir em direção à escola. Consumida pelo tédio que passava em minha cabeça, passo todo o trajeto observando as paisagens pela janela. De repente, avisto uma, depois duas, depois três, depois várias pessoas que se encontravam em situação de rua. Quando vejo um homem se cobrindo com um pequeno pedaço de papelão, sinto um aperto no coração. Nesse rigoroso inverno, há tantas pessoas sem moradia, sem vestimentas e sem abrigo. É completamente doloroso ver essa desigualdade social no país.

Foi assim que percebi o quão ingrata havia sido naquela manhã. Mesmo com uma casa, um pijama quentinho e uma cama confortável, eu ainda reclamava. Enquanto eu tenho mais do que o básico para viver bem, muitas pessoas não têm nada. Às vezes, encontrar situações tristes no cotidiano, como a desses indivíduos que vivem em condições precárias, permite que reflitamos sobre nossas próprias ações. Portanto, esse acontecimento me mostrou que devemos valorizar tudo aquilo que temos e reparar nos pequenos privilégios do dia a dia, os quais grande parte da população brasileira não tem.



Nosso mundo de gelo

Estudante: Letícia Malta Ferreira

5º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

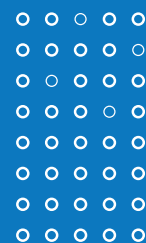
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

Era uma bela escura manhã de lua quando me levantei da cama com o alarme do celular tocando alto e o som da chuva acalmando meu estresse, já que não queria ir para a aula. A cama estava quentinha, e meu gato se encolhia debaixo do pano. Contudo, o tempo é o maior inimigo do ser humano e, por isso, fui a passos pesados à rotina entediante de um estudante do 9º ano. Banho. Café. Banheiro. Lá, sentia falta do calor, do conforto que é a segurança, enquanto caminhava em direção à escola, uma vez que era inverno, não me surpreendeu ver todos de moletons e roupas quentes, dos hippies aos casuais e dos novos aos velhos.

Porém, outra cena me pegou de surpresa. Uma cadela magra, negra como a penumbra, guiou meus olhos claros a um grupo de moradores de rua no asfalto e no passeio, dormindo juntos. Dez, eram exatamente dez. Um número belo em outras ocasiões, mas não quando são dez seres humanos se agrupando para receber o calor que um único moletom me traz. Essa visão é fria e congelante, tanto no corpo quanto na alma. Além disso, às 6h30 da manhã, os ventos batem como adagas. Nesse contexto ficcional, eu não penso na faca, e sim na roupa. Na roupa que me protege, mas que eles não têm.

Assim, penso: será que o homem do moletom quente, das calças de alfaia-taria e do cachecol de lã será solidário? Uma pessoa neste mundo cruel e gelado se importa com quem mora na calçada? Minha resposta seria sim e não. Apesar de falarmos disso em todos os cantos, apenas um sussurro gargalhado para zoar o sem-teto já mostra um descaso com a razão. Nós, que temos peças de roupa que esquentam, uma casa para morar e comida para comer, ignoramos a questão habitacional por não ser o nosso caso. Isso, pois quem se importa e trabalha pela causa é ignorado e é assim que muitas famílias vivem: jogadas no chão como bonecas estragadas. Ainda, quando isto é retratado no jornal, é como uma propaganda que ninguém presta atenção.

Dessa forma, enquanto encarava o grupo, entreguei duas notas de R\$ 20,00 que não ia usar e deixei no meio do amontoado de corpos como um abraço caloroso. Então, logo após meu celular tocou. De novo e de novo. Oh, não! Estava atrasada para a aula!



Agradecer mais, reclamar menos

Estudante: Melissa Muzzi Rodrigues de Paula

6º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez

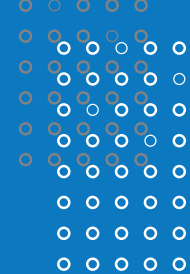
Era uma manhã de inverno. A cama e os cobertores pareciam me envolver em um abraço caloroso. Não queria sair da cama, nem trocar de roupa, nem ir à escola. Levantei-me e me arrumei, logo, comecei a fazer o caminho que fazia diariamente para ir estudar.

Enquanto caminhava tranquilamente em uma praça, ainda meio desnorteadada devido ao sono, avistei um homem deitado em um banco, encolhido, parecendo passar frio e fome. Por algum motivo aquilo me abalara. Parei de caminhar e me peguei refletindo: tantas pessoas passam frio e fome e eu estava reclamando por ter que me levantar hoje de manhã...

Continuei a caminhar, porém, novamente avistei uma situação que me sensibilizou. Uma menina estava trabalhando vendendo bala no sinal. Pela segunda vez, me peguei refletindo: por que não damos valor às pequenas coisas? Hoje, não queria ir para a escola, mas eu deveria agradecer por poder ir... Diversas famílias não têm condições de terem uma moradia digna, acesso aos estudos, cama quentinha e refeições todos os dias. Infelizmente, essa é a realidade de diversos brasileiros.

Voltei a caminhar. Olhei para o céu azul e nublado. Meu coração estava apertado. Era tão triste observar que diversas pessoas não têm as mesmas condições que eu. Assim, andei o resto do caminho pensativa, lembrando das cenas e refletindo: eu deveria agradecer mais. Muitas vezes, reclamamos do que temos, mas existem pessoas que não possuem nem metade.

Indiferença



Estudante: Júlia Casagrande Moraes

7º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

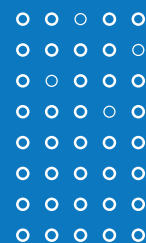
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

Ontem de manhã, quando acordei com o despertador estridente, suspirei. Não queria ir à escola. Era sexta-feira e fim de semestre; não havia motivo para ir. Porém, um barulho ainda mais alto me fez levantar: a voz da minha mãe, que dizia para eu me arrumar. Então, com pressa, obedeci-lhe e aprontei-me.

Quando saí pela porta de casa, senti o ar fresco encher meus pulmões. Queria poder me afogar nele. Por um instante, tudo era vibrante: cada elemento do cenário da rua feito para me convencer a não voltar para dentro. Porém, logo as cores morreram, deixando apenas um cinza doentio. Como se não bastasse, tive a tristeza de ver um menino deitado na rua com um cachorro ao seu lado, ambos desnutridos.

Enquanto o observava, também andava lentamente e inconscientemente. Infelizmente, não posso dizer que fui em sua direção. Estava seguindo meu dia. Ignorava a dor alheia de forma automática, fazendo o que fui ensinado por esse mundo apático. Estava indo para a escola, pois este é o meu dever: o de estudante. Naquele momento, nem me passou pela cabeça fazer algo pequeno, como dar um pouco de dinheiro para aquela criança. Ignorei.

Porém, agora, reflito se minha apatia perante aquela situação se deve a algum motivo. E, assim, qual seria ele? O mundo de hoje é tão miserável a ponto de tornar a pobreza extrema e a falta de acesso a direitos básicos algo costumeiro? Ou, na verdade, fomos ensinados a não “perder tempo”, a nos colocarmos em primeiro lugar e a sermos egoístas para atingir o sucesso? Eu não sei. Só sei que, ontem, eu cheguei à escola; aquele garoto, infelizmente, não.



Como sentir preguiça ao sair de casa quando não se tem moradia?

Estudante: Clara Silva Fulgêncio Vieira

8º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

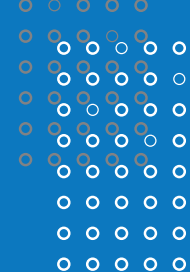
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

O dia mal começou e já preciso me arrumar para ir à escola. O ar frio matinal me faz desejar dormir pelo resto da manhã, mas engulo a vontade e sigo rumo ao colégio. Atravesso poucas ruas e começo a ver pessoas desabrigadas, vestidas com roupas esfarrapadas e gastas, acompanhadas somente por seus amigos caninos, de expressão perdida. Não tenho a capacidade de sentir como é viver sem um teto acima de minha cabeça, mas me sinto entristecida mesmo assim.

Chegar aos portões familiares e acolhedores da instituição escolar não faz meus sentimentos de pena e empatia desaparecerem. Na verdade, é pior pisar no lugar que vem me preparando para uma vida profissional, o que é tão visível para mim, porque esse é o mesmo futuro que todos aqueles indivíduos que observei chamariam de “sonho inalcançável”. Não me conformo quando começa a primeira aula, História. Escutar a explicação da professora sobre como a urbanização do Brasil foi desorganizada e acelerada só me faz perceber como a ausência de lares nos centros urbanos, para uma maioria esmagadora da população, é um problema antigo.

Obviamente, instalar um ambiente modernizado em um país despreparado para as consequências dessas mudanças deixou famílias inteiras sem casa. Além de todo o clássico sistema “elite priorizada; o resto do povo que lute”, as pessoas desabrigadas ocuparam e ocupam a periferia da comunidade, pois não têm outra escolha. Processo essas informações enquanto as aulas continuam, como de costume.

No fim da tarde, volto caminhando para casa e novamente paro para avistar os moradores de rua sentados no calçamento sujo. O que eu deveria fazer é buscar uma forma de ajudar na luta contra a falta de abrigo, não sentir compaixão e esquecer depois. Se a minha vontade fosse o desejo de todas as autoridades, abrir a porta de casa seria tão comum para os desabrigados quanto é para mim.



A rota da empatia

Estudante: Mariana Trindade Notini

9º Lugar Geral - Categoria 3

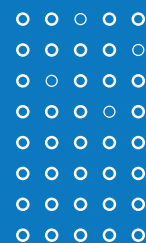
9º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Divinópolis

Era uma quarta-feira qualquer, dia de ir para a escola, normalmente igual a todos os outros. Porém, hoje estava fazendo mais frio do que o normal e minha cama estava tão confortável que não conseguia nem me levantar. Já haviam se passado trinta minutos do horário em que eu normalmente começava a me arrumar, quando ouvi minha mãe gritar que eu estava atrasada. Levanto-me com preguiça e sem nenhuma pressa, até que meu pai me diz para andar logo. Eu me arrumei o mais rápido que pude, pois ele não parava de me apressar. Estava com tanta raiva e com um grandíssimo mau humor, que passei o caminho todo até o carro reclamando que naquela casa eu não tinha paz. Sentei-me no banco do carona e percebi meu pai fazendo uma rota diferente da que ele costumava fazer para me levar à escola.

Perguntei-lhe se estava passando por um caminho novo, mas não obtive resposta. Continuei reclamando cada vez mais sobre ter que sair da minha cama quentinha e ir logo para a escola, lugar que eu mais odiava. De repente, percebi que paramos em um lugar onde havia várias famílias dormindo no chão, sem sequer um cobertor ou um travesseiro. Perguntei ao meu pai o motivo pelo qual essas pessoas estavam na rua em vez de estarem em suas casas, onde era com certeza bem mais confortável. Ele me disse que nem todas as pessoas têm uma moradia digna como a nossa, por isso eu nunca mais deveria reclamar das coisas que eu tenho.

Questionei-me também o porquê das crianças que estavam ali não estarem indo à escola, já que estava no horário, mas pensei que, se elas não possuíam uma “casa digna”, que deveria ser direito de todos segundo a lei, ir à escola era mais um desafio. A partir desse dia, nunca mais reclamei do que tenho e aprendi a ajudar quem precisa, mesmo se eu não conhecer a pessoa.



A busca eterna por um lar

Estudante: Isabela Ferreira Bicalho

10º Lugar Geral - Categoria 3

9º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

Em uma manhã fria de inverno, com sensação de -40°C , eu acordei na minha cama quentinha, com vontade de ficar lá para sempre. Porém, eu tinha que ir para a escola. Se eu pudesse ficar em casa... Eu acho um absurdo ter que acordar cedo. O frio estava me consumindo! Por que é tão difícil sair da minha cama? Eu odeio o inverno!

Assim, quando tomei coragem de me levantar, arrumei-me bem rápido e comecei a ir para a escola a pé. Que raiva! Já estava estressada logo de manhã. Tudo culpa da minha cama. Contudo, apesar disso, comecei a reparar em algumas situações ao longo do caminho. Na esquina da rua da frente, uma mulher carregava duas crianças nos braços. Estava descalça, andava atordoada e procurava por abrigo. Pobre família!

Desse modo, me senti comovida com a situação. Como pode duas crianças não terem uma casa para crescer? A que ponto nós chegamos? Enquanto eu, uma adolescente de 15 anos, reclamo que não consigo levantar da minha cama, há uma família que não tem moradia. Aliás, uma não, milhares!

Dessa forma, fui ajudá-la e ofereci um café da manhã na padaria ao lado. Infelizmente, era só o que eu conseguiria fazer. Com eles sentados, ela e os filhos, fiquei um pouco mais aliviada, mas não o suficiente. Como eu posso passar por aquele mesmo caminho todos os dias e não me comover com esse cotidiano? Que crueldade! A culpa de famílias como essa não terem um lugar para chamar de lar também é nossa. Enquanto não tomarmos consciência de que nossas atitudes fazem diferença, o direito à moradia não vai ser garantido.

Assim, sigo aqui refletindo depois que voltei da escola. Tenho que ser mais grata! Enquanto eu não for grata pela casa que tenho, não enxergarei o quanto muitas pessoas sonham em ter uma cama quentinha como a minha. Além disso, o inverno que eu passo acaba em alguns meses, mas o das outras pessoas segue durando anos, com a eterna busca por um lugar para chamar de lar.



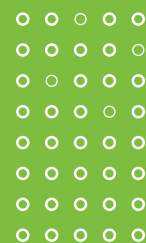
CATEGORIA 4

1ª SÉRIE ARTIGO DE OPINIÃO

Nesta seção, os estudantes da 1ª série do Ensino Médio foram desafiados a produzirem um artigo de opinião a partir de textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de suas formações. Como ponto de partida, a pergunta-temática a que precisavam responder foi “De que maneira, enquanto estudantes, podemos exercer nossa responsabilidade social para fortalecer a diversidade e a solidariedade na escola?”. Essa questão orientou a escrita e possibilitou importantes reflexões iniciais.

Os textos selecionados para essa coletânea alcançaram o objetivo fundamental de discutir o exercício da responsabilidade social para o fortalecimento da diversidade e da solidariedade no espaço escolar sob a perspectiva dos estudantes, de forma que elencassem suas percepções sobre esse tema. Com o uso de repertórios socioculturais fundamentados, pertinentes e legitimados, os alunos embasaram seus posicionamentos a respeito da questão norteadora, demarcaram autoria com excelência e mostraram-se críticos em relação ao papel positivo exercido por eles para fomentar a cidadania, a harmonia, bem como a diversidade nos ambientes educacionais, ou negativo prejudicando esse incentivo.

Por fim, os participantes demonstraram aptidão para refletirem com criticidade sobre assuntos relevantes e atuais. Ao tratarem de tópicos que articulam a responsabilidade social enquanto fortalecedora de diversidade e solidariedade na escola, eles realçaram a capacidade de seleção de ideias, a competência argumentativa e a maturidade ao considerar a seriedade da problemática, que está diretamente materializada nas suas vidas a partir da convivência em sociedade.



Diversidade na escola: será que os alunos podem cooperar para o seu aumento?

Estudante: Luna Dutra Magno

1º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

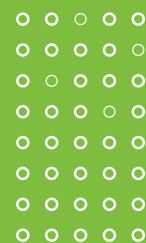
Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima

Hodiernamente, vivemos em um mundo narcisista e personalista, no qual se acredita fielmente no pensamento de “cada um por si”. Como consequência, acredita-se que o correto é apenas o que cada um vê como verdade, e a solidariedade e a valorização das diferenças são ignoradas. Isso pode facilmente ser visto no ambiente escolar, em que o resultado da sociedade atual é nítido em grande parte do tempo, e a normalização de julgamentos e a negligência dos danos psicológicos causados aos jovens e por eles tornam-se constantes, o que é inaceitável. Assim, é possível concluir que os estudantes devem ser responsabilizados e precisam agir em relação à crise atual da escassez de tolerância.

Nessa perspectiva, é notória a constância da intolerância com as diferenças. No livro “Extraordinário”, o protagonista, Auggie, possui uma deformidade facial severa e, ao entrar no colégio, é julgado por esse fato fora do seu controle. Essa história, infelizmente, não é distante da realidade, em que muitos jovens menos-prezam o próximo por terem sido ensinados que o fora do padrão é errado e feio. Ao vivenciarem ou ouvirem uma cena como essa, os alunos ao redor devem se solidarizar com o colega, acolhendo e reconhecendo as vítimas dessas agressões e construindo um ambiente mais saudável. Assim, os preconceitos tornar-se-ão mais escassos e pouco normalizados, e muitos terão suas virtudes devidamente valorizadas.

Ademais, é urgente abordar as consequências que a falta de respeito com o diverso causa. No anime “Mob Psycho 100”, o protagonista Shigeo é um aluno único, o qual não tem muitos amigos e sofre bullying de seus colegas, sentindo-se inferior a eles por seu jeito de ser. A vida de Mob se assemelha à de muitos outros, os quais sofrem em silêncio por medo ou por falta de confiança no próximo, ganhando danos psicológicos severos como resultado, o que não pode ser aceito. Ao ver alguém se sentindo assim, os alunos devem ajudá-lo, buscando a devida ajuda médica, acolhendo-o, reconhecendo-o, mostrando que ele não está sozinho e solidarizando-se com sua causa. Dessa forma, os ofendidos serão benquistos e não se sentirão isolados, o que fará com que se sintam melhores em relação às suas características únicas.

Portanto, é notório que os estudantes podem, sim, exercer sua responsabilidade social para fortalecer a diversidade e a solidariedade na escola e que seu suporte é extremamente necessário. As ações feitas não precisam ser grandiosas ou inovadoras, mas precisam vir do coração e fazê-lo arder por mais, assim como pensava Santo Agostinho. Dessa maneira, a valorização das diferenças e a empatia serão restauradas, o futuro será mais tolerante e os atuais jovens, que serão adultos, verão as variações como algo bom, comum e necessário para a coexistência e o respeito.



Ensinando a conviver

Estudante: Lara Barbosa de Barros

2º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

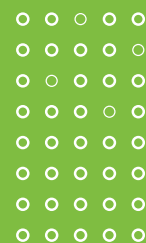
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

Nas línguas Zulu e Xhosa, faladas na África do Sul, a expressão “Ubuntu” é utilizada para expressar uma filosofia de vida pautada na coletividade e na interdependência. Esse cenário permite a reflexão sobre a importância da educação para a vida em comunidade. Sob essa ótica, é preciso entender como os estudantes podem exercer a responsabilidade social.

Inicialmente, vale ressaltar a importância da escuta para o pluralismo nas escolas. O educador brasileiro Paulo Freire defende que o processo de aprendizagem deve ser voltado para a formação cidadã, por meio da aceitação, da conscientização e da participação afetiva não só de professores, mas também de alunos, de modo a abrir espaço para diferentes habilidades e estilos de aprendizado. Assim, os membros da comunidade terão a capacitação necessária para fortalecer a diversidade.

Além disso, o desenvolvimento da solidariedade é essencial para o entendimento de uma ideia de coletividade. Segundo a pesquisa “O brasileiro e a solidariedade”, realizada entre 2007 e 2022, 68% da população do Brasil não visita instituições de caridade e 58% não se envolve com projetos sociais. Esses resultados revelam uma carência no trabalho da empatia dos brasileiros. Logo, é essencial reverter a situação para aumentar a inclusão.

Portanto, no papel de estudante, entendo como imprescindível a compreensão da responsabilidade social. Nesse sentido, é importante aplicar, no cotidiano, as noções de comunidade. Assim, será possível superar as barreiras do individualismo para alcançar a educação inclusiva.



Estudante: o principal agente transformador

Estudante: Caetano Moreira Barbosa

3º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

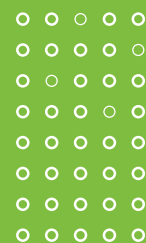
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

O livro “Extraordinário”, escrito por R. J. Palacio, retrata a vida do garoto Auggie Pullman, que, devido às suas deficiências faciais, é vítima de diversas situações de intolerância. Fora da ficção, no Brasil, as experiências de bullying e discriminação aumentaram em 93% nos últimos 5 anos, o que reflete a falta de empatia e solidariedade dos estudantes. Portanto, é fundamental que os membros da comunidade escolar tomem, visando à diversidade social e à harmonia do grupo, atitudes respeitadas e solidárias, além de desenvolverem-se pessoalmente.

Em primeira instância, os integrantes do contexto estudantil, enquanto participantes ativos de um grupo que prega a diversidade, devem, em prol do respeito e do reconhecimento de diferenças e de perspectivas diferentes, buscar a melhora individual. De acordo com o filósofo indiano Mahatma Gandhi, para atingir uma boa convivência e abrir espaço para as inevitáveis diversidades e os diferentes valores que cercam qualquer comunidade, os indivíduos que habitam em qualquer corpo social devem melhorar a si mesmos, como previsto em sua frase “Seja a mudança que deseja ver no mundo”. Por essa linha, ao analisar o contexto escolar, fica explícita a necessidade do comprometimento individual de cada aluno, para que, dessa forma, as divergências não sejam um problema, mas detalhes importantes no cotidiano estudantil.

Além disso, a empatia e o frequente pensamento no próximo também são fatores imprescindíveis quando se trata da falta da solidariedade. A tradição cristã, conhecida pela humildade e os grandes incentivos às ações solidárias, apresenta pilares essenciais para a comunhão, como, por exemplo, a frase “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Essa citação, ao ser corretamente interpretada e explorada, torna-se, na verdade, um convite ao exercício diário da solidariedade e da empatia com o próximo, o que influencia diretamente na comunhão das instituições educacionais. Assim, a priorização e o entendimento do outro como um igual, que ocasiona o respeito às demais pessoas, são objetos cruciais para a harmonia nas escolas.

Com isso, faz-se essencial a iniciativa estudantil que busque a conexão de todos os membros da coletividade, de modo a nunca deixar de refletir sobre o estado emocional do próximo e como suas atitudes podem vir a impactar todo o meio comunitário. Dessa maneira, os estudantes devem agir com ética e empatia para tornar o contexto em que vivem aberto à diversidade e à solidariedade.



A diversidade e a solidariedade no ambiente escolar

Estudante: Sara Batista Simil Simões

4º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

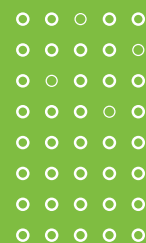
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

A solidariedade nas escolas é algo que, atualmente, não existe de forma plena. Nós, estudantes do Ensino Médio, nos entristecemos ao ver, com tanta frequência, episódios de preconceito, desigualdade e falta de respeito nas escolas. Portanto, é perceptível que atitudes devem ser tomadas para combater esse problema.

Em primeiro lugar, vemos o quanto a discriminação contribui para a falta de solidariedade no ambiente escolar, já que nosso país possui uma diversidade cultural muito grande. Por isso, temos como exemplo inúmeras situações preconceituosas, como bullying e intolerância religiosa, que ocorrem frequentemente. Sob essa perspectiva, fica claro que as escolas devem atuar mais nesse cenário, promovendo aulas e palestras sobre a pluralidade do Brasil, para que possamos ter mais respeito e clareza de que as diferenças são importantes e estão sempre presentes ao nosso redor. Logo, essas ações ajudarão a construir um ambiente cada vez mais inclusivo para todos.

Além disso, a ajuda ao próximo e uma boa convivência com os colegas têm um papel fundamental para tornar pessoas mais solidárias. Contudo, de acordo com dados da Record, 83% dos brasileiros não fazem doações para nenhuma instituição, o que reflete na quantidade baixa de brasileiros empáticos, que, consequentemente, dão esse exemplo a seus filhos. Sob essa ótica, vemos também que as famílias precisam perceber a importância da solidariedade, incentivando as crianças a ajudarem e a se preocuparem com o próximo. Sendo assim, um futuro melhor será construído, em que os alunos reconheçam a necessidade de respeitar os outros e de serem solidários.

Com isso, percebemos que as escolas e as famílias devem agir para contribuir com a melhora desse problema que é tão entristecedor, cada um da forma que pode. Com certeza, as próximas gerações serão mais felizes e respeitadas se começarmos a agir agora.



A rivalidade incessante não é o caminho

Estudante: Jordana Ferreira Rocha Reis

5º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

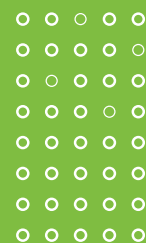
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

Uma das características mais notórias da nossa sociedade atual é o individualismo, ilustrado pelo sentimento competitivo e ignorante constante, que permeia as bases da convivência geral a cada nova escolha e decisão que afeta o nosso próximo negativamente. Diante disso, enquanto estudantes do Ensino Médio, consideramos de extrema importância conciliarmos as inevitáveis disputas com o maior exercício de ações para além do benefício próprio nas instituições de ensino, sendo assim, o pleno respeito com aquele que é conhecido ou não, juntamente ao entendimento — e aplicação — do consenso de comunidade.

Nessa perspectiva, o passo inicial para a quebra do individualismo persistente se dá por meio do reconhecimento sobre o outro. Tendo isso posto, citamos o livro “Se você pudesse ver o sol”, da autora Ann Liang. A história retrata, em seu enredo, dois estudantes que, apesar da admiração mútua, possuíam uma relação de rivalidade acadêmica, mas, devido a alguns acontecimentos, passam a trabalhar juntos em um projeto e acabam desenvolvendo um sentimento de equipe. Em paralelo com a realidade, notamos quantos convívios de parceria não são impedidos pela competição que envolve o meio acadêmico, apesar de ela não ser constante. Contudo, esse respeito já existente sobre o próximo é a base para instigar a tomada de ações mais solidárias na escola.

Seguindo esse raciocínio, o estabelecimento genuíno da questão comunitária demonstra-se fundamental. Algo que reflete essa importância é o termo africano “Ubuntu”, que significa, de modo direto, “Eu só existo porque nós existimos”. A partir de um movimento que promova a tomada de ações que visem ao benefício e bem-estar não apenas de quem escolhe, conseguiremos a permeação dessa noção de “coexistência dependente” em nosso meio de vivência. Logo, a necessidade competitiva, gradativamente, ficará cada vez mais reservada para contextos que realmente a exigem e, ainda assim, será respeitosa, seja na própria instituição de ensino ou em cenários maiores, como as Olimpíadas.

Portanto, devemos quebrar o estigma já tão automatizado do individualismo em nossas vidas e princípios. Somente dessa forma poderemos alcançar uma sociedade escolar — e, posteriormente, global — mais empática e solidária entre si. Essa pertinência de “agir sozinho” reflete uma problemática que deve ser discutida. Enquanto humanos, precisamos do coletivo para nosso desenvolvimento de caráter empático, e executar escolhas e decisões demonstrativas do reconhecimento sobre o próximo representa que nossa consciência sobre isso ainda não se perdeu completamente nesse mundo já tão isolado.



A hierarquização nas instituições de ensino brasileiras

Estudante: Ana Carolina Xavier Amaral

6º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

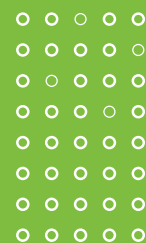
Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima

Em tempos hodiernos, o respeito quanto às diferenças e às individualidades segue diminuindo nas instituições pedagógicas brasileiras. Nesse sentido, o papel de nós, estudantes, é imperioso, a fim de garantir que o contexto atual do país não mais reflita um cenário de preconceito e manifestações de ódio. Ademais, ambientes escolares com métodos únicos de estudo e o privilégio recebido por alunos de maior desempenho dificultam a valorização das individualidades, favorecendo poucos entre os diversos alunos e promovendo um ambiente hierarquizado.

Nessa perspectiva, entende-se que nosso papel é denunciar ao colégio suas práticas excludentes, que contribuem para o não aprendizado daqueles que pouco se adaptam ao método. Nesse contexto, o livro “A pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire, entre suas múltiplas reflexões, sugere reformas no local em que estudamos, com o intuito de garantir um ensino amplo e inclusivo, que se afaste do contexto moderno. Assim como os pensamentos do autor, é fundamental que nós, que aprendemos na nação verde-amarela, promovamos esse pensamento, já que o sistema dos dias de hoje hierarquiza os que melhores se adaptam e, portanto, promove menor desempenho e insegurança naqueles que não conseguem.

Além disso, os jovens que apresentam melhor desenvolvimento são considerados superiores em detrimento daqueles que possuem maiores dificuldades. Nessa visão, o autor George Orwell disserta, em seu livro “A revolução dos bichos”, que “todos os animais são iguais, mas alguns mais iguais que outros.” Assim como retratado pelo escritor, em ambientes que hierarquizam alunos conforme seu desenvolvimento escolar, aqueles com empecilhos no estudo desistem, muitas vezes, já que creem no fato de serem incapazes. Logo, é fundamental que sejamos solidários e ajudemos aqueles que mais precisam.

Portanto, além do nosso dever de promover liberdade, justiça e diversidade nos campos de ensino, exigindo mudanças e aumento de métodos de estudo, também é imperioso que impeçamos o favorecimento de alguns, reafirmando o papel de cada um como essencial e permitindo que todos possam aprender conforme suas necessidades individuais. Assim, poderemos garantir um futuro menos excludente e mais representativo, de modo a garantir que cada jovem seja tratado igualmente.



Como posso fazer minha parte?

Estudante: Bernardo Kiefer Souto

7º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

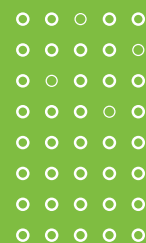
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

O recente contexto de luto pela aluna que tirou a própria vida na UFMG despertou olhares de todo o Brasil para a situação de bullying vigente nos centros educacionais da atualidade. A verdade é que essa problemática atinge uma esfera maior do que se pensa, já que deixa traumas para toda a vida. Por isso, é de suma importância refletir sobre as maneiras de se promover a solidariedade dentro da comunidade escolar.

Em primeiro lugar, é necessário destacar o combate ao bullying como essencial para o bem-estar nas escolas. A título de exemplo, tem-se o livro “Extraordinário”, uma narrativa comovente a respeito de Auggie Pullman, um garoto que, devido a problemas na gravidez de sua mãe, tornou-se diferente de seus colegas e, por isso, vítima do preconceito. Essa obra mostra tanto os impactos deixados pelo bullying quanto as maneiras como os estudantes podem superar as diferenças, por exemplo, com palestras educativas e trabalhos em grupo, os quais podem resultar em um melhor entendimento das particularidades individuais.

Além disso, é importante a compreensão a partir dos próprios sentimentos e como eles afetam o psicológico alheio. Isso pode ser visto no filme “Divertidamente 2”, que traz o panorama da ação instável das emoções no corpo de uma jovem estudante em fase de amadurecimento, de forma a ressaltar que a falta de respeito para com os outros discentes advém, muitas vezes, da insegurança, que desperta a inveja e o medo, e pode causar ansiedade e tristeza nos afetados. Dessa forma, a história é um exemplo claro da necessidade do cuidado e da responsabilidade emocional necessários no ambiente escolar, que podem receber o auxílio, por exemplo, da intervenção dos familiares e de apoiadores, como psicólogos.

Portanto, é extremamente significativo reconhecer os fatores que incitam a irresponsabilidade socioemocional nos colégios para que, enquanto estudantes, possamos agir diferente, em vez de simplesmente eliminar as diferenças. Afinal, o sentido da vida parte da arte da união, seja nas escolas ou em quaisquer ambientes, e jovens empáticos geram adultos unidos.



Geração Solidária

Estudante: Beatriz Maia Papini

8º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

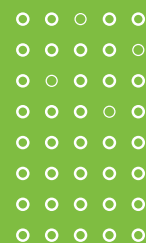
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

A solidariedade e o respeito são princípios éticos que colaboram para a criação de uma sociedade igualitária e agregam para o bem comum da humanidade. Nesse contexto, a prática de ações provenientes desses ideais deve ser desenvolvida constantemente e disseminada para todos. Sendo assim, estudantes precisam se mostrar protagonistas nesse movimento, a fim de incentivar essas práticas e exercê-las.

Primeiramente, os alunos devem se permitir conhecer novos ideais e novas culturas. Sob essa ótica, com esse gesto, é possível expandir o conhecimento cultural, além de compreender e respeitar um povo e passar adiante seus ensinamentos. Nesse sentido, a palavra africana “Ubuntu” apresenta, em seu significado, a ideia de comunidade e fraternidade entre os seres humanos. Além disso, o vocábulo mescla os elementos solidariedade e diversidade, contribuindo para a formação social dos jovens.

Outrossim, é mister preocupar-se pelo bem comum e auxiliar colegas que necessitam de apoio. Nesse viés, essas práticas, durante o período escolar, fundamentam hábitos que serão transmitidos para a vida adulta, agentes responsáveis por uma sociedade solidária. Um exemplo disso é o personagem Xie Lian, da obra “Heaven’s Official’s Blessing”, de Mo Xiang Tong Xiu, uma vez que ele prega os princípios do coletivismo e altruísmo ao dedicar-se a ajudar crianças de seu reino ao longo da narrativa, desconsiderando suas características financeiras. Fora da ficção, esse hábito do protagonista dialoga diretamente com o que deve ser feito por estudantes nas instituições de ensino que frequentam.

Portanto, mostra-se indispensável a celebração da diversidade e do respeito por parte dos alunos. Dessa maneira, será possível que nossos descendentes sejam considerados uma geração solidária, com o fito de transformar o mundo para melhor.



O papel crucial dos estudantes em relação aos atos de acolher e respeitar nas escolas

Estudante: Bernardo Augusto de Souza Teixeira

9º Lugar Geral - Categoria 4

1ª série – Ensino Médio

Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

É notório que as instituições de ensino se caracterizam por serem um dos principais espaços de interação na sociedade contemporânea. Mesmo que ensinamentos e palestras que visem acolher e respeitar os frequentadores da escola independentemente das diferenças ocorram, é nítido que essas ações podem se enfraquecer sem o papel crucial que os estudantes detêm na questão. Dessa forma, o fortalecimento da solidariedade no ambiente escolar passa, também, sem sombra de dúvidas, pelos discentes, que são a maior parte daqueles que ocupam esses espaços.

Em primeiro lugar, o ato de ouvir um profissional escolar dissertando sobre o bullying e outros conflitos pode, muitas vezes, não resultar na mesma reflexão quanto a ouvir os estudantes que podem estar sentindo algo ou sofrendo. Caso os relatos viessem dos próprios alunos marginalizados ou de amigos próximos, o impacto causado seria maior. Como um aluno, já acolhi uma amiga que sofria com xingamentos relacionados ao seu peso e consegui mudar a perspectiva de alguns amigos próximos em relação ao ato de intimidar o outro. Assim, uma maior quantidade de discursos relacionados às provocações que viessem daqueles que passam ou passaram por essas situações pode ser eficaz para o enfraquecimento do preconceito e das intimidações no ambiente escolar como um todo.

Além disso, o fortalecimento da diversidade e da solidariedade nas escolas não é possível sem que haja respeito entre todos. A convivência diária com pessoas de todo tipo, diferentes à sua maneira, é completamente afetada sem que ocorra um respeito mútuo entre os estudantes. No jogo Katawa Shoujo, disponível gratuitamente na Steam desde 2024, o protagonista é transferido para uma escola destinada a estudantes deficientes após ter uma parada cardíaca e, lá, vê de perto a convivência entre os alunos e suas relações, que ocorrem de maneira fluida, respeitosa e natural. Por meio desse argumento, fica claro que o ato de respeitar o outro, independentemente de outros fatores, é essencial para que os ambientes escolares se tornem mais acolhedores e solidários.

Com base nesses argumentos, o fato de que nós, estudantes, possuímos uma importância imensa para o fortalecimento da diversidade e solidariedade na escola se comprova por completo. Discursos vindos de alunos que se sentem intimidados e um maior exercício do respeito se destacam como maneiras para que isso aconteça. Os atos de respeitar e ouvir devem ser feitos por todos na sociedade, e isso não pode ser diferente nas instituições de ensino.



CATEGORIA 5

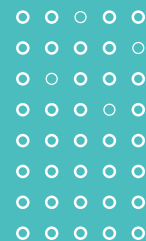
2ª E 3ª SÉRIES DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

Para finalizar este livro, o último capítulo reúne a discussão de duas temáticas atuais: a importância da comunidade e a exclusão de mulheres em situação de rua. Nesse sentido, os alunos das 2ª e 3ª séries foram desafiados a produzir textos dissertativos-argumentativos escritos de acordo com os critérios do modelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Cada série foi apresentada a um tema que serviu como base para a produção das redações.

Nessa perspectiva, na 2ª série, os estudantes foram instruídos a argumentar sobre como a comunidade possui um papel potencializador na formação social da população, a partir da frase temática “O papel transformador da comunidade na formação social do indivíduo”. Nas produções dos discentes, foi frequente a abordagem sobre a coletividade como essencial para os cidadãos, especialmente no que tange ao voluntariado, à mobilização social, à empatia e à alteridade. Os textos aqui presentes também deixaram claro que a individualidade, enquanto oposto, distanciava a garantia do desenvolvimento coletivo do indivíduo, prejudicando a comunhão.

Por sua vez, na 3ª série, os alunos foram instigados a refletir sobre a marginalização social de mulheres em situação de rua, grupo socialmente segregado e vulnerabilizado na atualidade, apoiados pela frase temática “O enfrentamento à exclusão de mulheres em situação de rua para a construção de uma comunidade acolhedora”. Desse modo, as produções selecionadas apresentaram as causas e as consequências da segregação desse grupo social, além de reforçar a relação entre essa exclusão e a dificuldade de encontrar acolhimento na comunidade, apresentando, ao fim da argumentação, uma proposta de intervenção que indicasse o enfrentamento a essa problemática.

Finalmente, cumprindo os critérios de correção do Enem, os textos escolhidos foram capazes de apresentar discussão consistente, com adequada seleção, organização, interpretação e relação das ideias, bem como uso de repertório sociocultural produtivo ligado à temática. As produções também foram bem avaliadas quanto à apresentação de uma proposta de intervenção que respeitasse os direitos humanos e solucionasse os problemas discutidos no texto, assim como quanto ao atendimento às regras gramaticais e à utilização de recursos coesivos, elementos importantes na construção de uma redação.



TEXTO 01

Estudante: João Pedro Cantarelli Campos

1º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

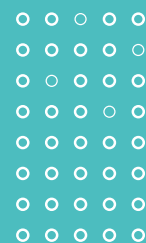
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

O filme “A melhor mãe do mundo” apresenta a história de Gal, uma mulher negra, mãe de dois filhos, que é submetida à condição de rua para fugir do lar violento de seu marido. Fora da ficção, infelizmente, a realidade da personagem se assemelha à de muitas brasileiras que são excluídas na sociedade devido à situação de rua, impedindo a construção de uma comunidade efetivamente acolhedora. Nessa linha, para atingir esse ideal, é essencial discutir como a diversidade de modos de subjugação desse coletivo dificulta o enfrentamento da problemática, acarretando a precarização de sua saúde.

De início, vale ressaltar que o acúmulo de sistemas de opressão por parte dessas pessoas corrobora sua situação de exclusão. Isso ocorre porque elas estão submetidas a diversas camadas de preconceitos e desigualdades, como o sexismo, o classismo e, muitas vezes, o racismo, que pressionam para a marginalização dessas mulheres. Esse fenômeno foi denominado “interseccionalidade” pela autora americana Patrícia Hill Collins, que revelou como fatores para a exclusão de indivíduos convergem e dificultam sua ascensão social. Nesse sentido, quando se analisa a realidade de Gal, nota-se que, para superar a condição de rua, ela teve que superar a discriminação racial, a qual incorpora uma visão, no meio social, que naturaliza a posição social desprivilegiada de negros e os desafios relacionados ao gênero, associados a empregos de baixa remuneração e à não ocupação de cargos de liderança nas empresas, evidenciando que essa sobreposição dificulta sua inserção efetiva na sociedade. Dessa forma, é mister que o Estado atue para mitigar essa influência na transformação social desses indivíduos.

Consequentemente, caso não haja tal intervenção estatal, é evidente que as mulheres sem moradia continuarão a ter sua saúde fragilizada. Tal implicação se deve ao fato de que elas estão expostas a ambientes os quais são caracterizados pela falta de acesso a serviços e condições básicas para o autocuidado, como coleta de lixo e banheiros. Nesse cenário, o documentário “Absorvendo o tabu” ilustra essa situação, na medida em que apresenta meninas indianas pobres que sofriam de precariedade menstrual porque não tinham dinheiro para comprar absorventes de qualidade, o que as tornou sujeitas a infecções. Fora das telas, a realidade de brasileiras que vivem nas ruas dialoga com a produção, já que muitas também não têm acesso a utensílios fundamentais para a preservação da saúde (devido à multiplicidade de subjugações às quais elas estão submetidas) em um espaço que representa uma ameaça direta a sua integridade, por sujeitá-las à leptospirose, por exemplo. Por conseguinte, em virtude da carência de tratamento acessível, essas patologias promovem sua morte.

Portanto, o Ministério da Educação — responsável pela formação cidadã dos indivíduos — deve desconstruir preconceitos que oprimam as mulheres em condições de rua, por meio de palestras, a fim de mitigar os problemas associados à interseccionalidade e exercer o papel do ministério de promover a cidadania. Assim, promover-se-ão a inclusão desse recorte e a construção de uma sociedade que, de fato, acolha este grupo.



TEXTO 02

Estudante: Nicolas Neres Brito

2º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

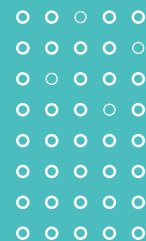
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

Na novela “Verdades secretas”, é representada a história de Larissa, uma modelo que se envolve com drogas e acaba vivendo na “Cracolândia”, entrando em contato com diversos tipos de violência. De modo análogo, para além da ficção, verifica-se que muitas mulheres se encontram em posição de exclusão e de vulnerabilidade por estarem em situação de rua, semelhantemente à personagem paulista. Diante desse cenário, é fundamental analisar os obstáculos ao enfrentamento à marginalização e ao abandono desse público, como o descaso estatal e a misoginia.

A princípio, observa-se uma carência de medidas governamentais destinadas ao acolhimento e à ajuda humanitária das mulheres que residem nas ruas. Tal conjuntura ocorre devido a um preconceito que permeia os órgãos públicos, o qual dá legitimidade para esse descaso, uma vez que esse grupo é visto como desmerecedor do suporte estatal por não dialogar com os valores morais vigentes. Nesse contexto, o sociólogo Achille Mbembe desenvolve o conceito de “necropolítica”, utilizado para designar esse abandono como um projeto político, em que essas pessoas são espontaneamente negligenciadas quando a administração pública as vê como improdutivas ou ineficientes. Assim, as instituições não atuam como agentes de apoio a tais grupos, mas sim como agentes repressores.

Ademais, é evidente o papel do machismo no recrudescimento da exclusão de mulheres do mercado de trabalho, o que, muitas vezes, faz com que elas acabem em situação de rua. Tal fenômeno ocorre pelo público feminino ser historicamente depreciado frente aos homens, tendo que viver em condições de marginalização por, muitas vezes, não possuírem chances de emprego e apoio familiar. A exemplo disso, no filme “A melhor mãe do mundo”, é retratada a história de uma mãe e seus filhos que, por não conseguir emprego formal devido ao seu status como mulher, acabam tendo que viver na rua, sem ter acesso a serviços básicos. Sendo assim, é imprescindível que haja incentivos a empresas que possuem números semelhantes de funcionários homens e mulheres, visando reduzir os altos índices de pobreza desse grupo na atualidade.

Portanto, é necessário que o Ministério da Educação, instituição capaz de promover transformação social a partir de políticas públicas educacionais, desenvolva campanhas de conscientização nas escolas do ensino básico que reduzam os estigmas direcionados aos moradores de rua. Tal ação deverá ser realizada por meio de palestras mensais, a fim de formar indivíduos que atuem como agentes de mudança e, consequentemente, reduzir os estigmas sociais. Além disso, são fundamentais subsídios às empresas para que estas contratem números semelhantes de ambos os gêneros, assegurando um acesso à renda mais facilmente pelo público feminino. Assim, haverá uma menor exclusão das mulheres em situação de rua na sociedade.



TEXTO 03

Estudante: Mariana Brêtas Bukalil

1º Lugar da Unidade - Categoria 5

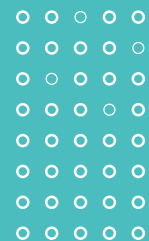
2ª e 3ª séries – Ensino Médio

Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

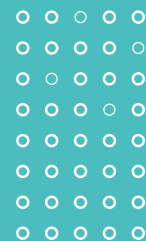
O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número 11 é uma meta global em que os países devem buscar promover moradia digna e cidades mais igualitárias e sustentáveis para todos. Todavia, ainda são perceptíveis diversos desafios para o enfrenta da exclusão de, principalmente, mulheres em situação de rua na sociedade, mesmo com a relevante importância da construção de uma comunidade acolhedora e com os incentivos do ODS. Dessa forma, são diversos os problemas que impedem a visibilidade dessa parcela social, como a falta de políticas públicas e a vulnerabilidade biológica feminina.

De início, é notável a ausência de instituições eficazes para o atendimento de mulheres sem oportunidade de moradia. Nesse sentido, uma vez que elas não possuem um lugar para passar a noite ou apenas um órgão de fácil acesso que lhes dê apoio alimentar, a dificuldade de ascensão social por meio de empregos se torna maior. Consequentemente, essas garotas passam fome, enfrentam obstáculos para promover a higiene pessoal, sofrem com doenças devido às contaminações da sujeira da rua e, por isso, são invisibilizadas quando se trata de opções de carreiras oferecidas pelo Estado. À ilustração desse fato, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação evidenciou que, no Brasil, dos moradores de rua, 15% são do sexo feminino e cerca de 40% delas foram vítimas de violação, o que mostra o sofrimento também com a violência de gênero. Sob essa ótica, esse grupo social precisa do Governo para acabar com essas desigualdades quando se trata do homem, pois, tendo em vista que podem vivenciar episódios de exploração sexual, por exemplo, o auxílio, que já é raso, deve englobar mais cuidados do que quando se trata apenas do sexo masculino. Desse modo, é imprescindível a ampliação de serviços sociais benéficos para elas.

Ademais, é necessário destacar que o corpo da mulher é, biologicamente, mais “frágil” do que o do homem. Nesse contexto, a situação de uma garota que mora na rua deve ser discutida e revertida, na medida em que casos de gravidez e pobreza menstrual, a qual envolve a carência de absorventes e roupas limpas para lidar com o período, tornam os seus desafios mais intensos. Por conseguinte, a mulher é discriminada pela sociedade, seja pela visão de uma “prostituta”, devido a sua gravidez, seja pelas suas vestimentas sujas de sangue, levando a uma violência que também é psicológica. A exemplo disso, segundo a Biologia, o corpo masculino produz mais hormônios, como a testosterona, o qual é referente, dentre outros aspectos, à maior força física, enquanto o corpo feminino se destaca com a progesterona e os estrógenos, responsáveis pelo ciclo menstrual e pelas sensibilidades biológicas. Isso prova que, na defesa contra um inimigo externo, a probabilidade de um homem obter êxito é maior do que a de uma mulher, tornando-a mais vulnerável. Dessa maneira, ações precisam ser tomadas para reverter esse quadro de injustiça na sociedade.



Portanto, é de suma importância que haja o enfrentamento à exclusão de mulheres em situação de rua. Logo, o Ministério das Cidades precisa promover um maior e mais eficaz auxílio para as garotas que possuem condições precárias, por meio de mais centros de ONGs em todos os municípios do Brasil — como o “Sinan” e o “SP Invisível” —, a fim de que todas possam ser protegidas contra casos de violência, ganhem oportunidades de emprego e recebam higiene digna. Com isso, o ODS 11 poderá ser efetivado e haverá, finalmente, a devida construção de uma comunidade acolhedora e isonômica.



TEXTO 04

Estudante: Júlia Oliveira Coelho Rangel

1º Lugar da Unidade - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

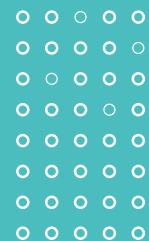
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

O filme “Modo Avião”, estrelado por Larissa Manoela, mostra a vida de uma menina que, após ir morar no interior e ficar sem acesso às redes digitais, passa a viver de forma ativa em comunidade, faz muitos amigos e relata ter aprendido muito sobre união e diversidade. Analogamente, na atualidade, a sociedade fortalece um indivíduo em solidariedade e respeito quando o acolhe e o insere em um meio heterogêneo, em que convive com diferentes opiniões e formas de viver, uma vez que as relações interpessoais refletem no agir das pessoas. Logo, nota-se que a vida em comunidade faz com que os humanos se tornem mais empáticos e tolerantes e sintam-se pertencentes a um grupo.

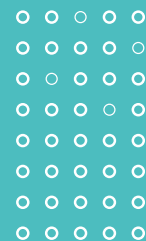
Diante desse contexto, evidencia-se que a sociedade é importante para que os indivíduos tenham mais empatia e respeito à diversidade. Sob esse viés, a influenciadora Mari Menezes, depois de fazer uma viagem para Angola, junto ao grupo voluntário “Zuzu por África”, e testemunhar casos de pobreza e rituais africanos, admite que conheceu uma realidade que nunca havia presenciado e, por isso, aprendeu sobre amor e compaixão. Nesse sentido, percebe-se que a vida em comum faz com que as pessoas conheçam e aprendam sobre as diferentes vivências e, assim, tornem-se mais sensíveis ao acessar as dores da humanidade por diferentes perspectivas e solidariedades e dispostas a desconstruir preconceitos e desigualdades. Dessa forma, é essencial que os jovens sejam incentivados a conhecer e a se conectarem com povos diversos.

Ademais, é nítido que a comunidade leva uma pessoa a sentir-se parte de um conjunto, o que é importante para a sua formação social. Nessa lógica, o grupo voluntário “Eles do Bem”, atuante na Região Metropolitana de Belo Horizonte, arrecada presentes para crianças carentes no final dos anos, para que elas tenham a sensação de estarem participando das comemorações natalinas e de virada de ano. Sob esse prisma, é evidente que a população, em especial comunidades que compartilham gostos em comum, faz com que o indivíduo não se sinta sozinho, mas sim amparado e compreendido e, assim, esteja mais disposto a estudar, trabalhar ou conviver com os demais de forma harmônica. Consequentemente, a forma de agir e pensar dele muda, tornando-se menos individualista, o que contribui para o progresso social e civil dos seres humanos. Sendo assim, é de suma importância que as relações sociais favoreçam o bem-estar de todos.

Portanto, é fundamental que os elos sociais sejam fortalecidos para a comunidade cumprir seu papel na vida dos indivíduos. Nessa perspectiva, o Ministério da Cultura, junto a ONGs e projetos de voluntariado, deve promover eventos pú-



blicos que garantam a interação entre diferentes pessoas, por meio da construção de espaços de convivência, como praças e bibliotecas, que permitam que aqueles com gostos em comum se aproximem, a fim de garantir que os seres se sintam pertencentes a um grupo e tornem-se mais caridosos e engajados em acabar com violências e problemas sociais existentes.



TEXTO 05

Estudante: Ana Beatriz Caixeta Vieira De Mendonça

1º Lugar da Unidade - Categoria 5

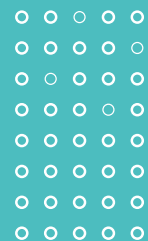
2ª e 3ª séries – Ensino Médio

Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima

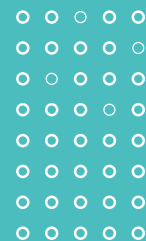
O cantor The Weeknd, antes de iniciar sua carreira, vivenciou momentos de vulnerabilidade habitacional nas ruas após sair de casa aos 17 anos. Em entrevistas, conta dos impactos emocionais que ele tem até os dias atuais devido ao descaso estatal vivenciado por esse grupo. Entretanto, diferentemente dele, há, na contemporaneidade, inúmeras pessoas que não conseguem reintegrar-se socialmente e economicamente nas estruturas brasileiras — como o mercado de trabalho —, sobretudo as mulheres, em decorrência da inoperância governamental e da invisibilização dos moradores de rua pelo corpo cívico. Nesse contexto, é imprescindível a análise desses entraves no que diz respeito ao enfrentamento da exclusão das mulheres nessa situação no Brasil, uma vez que se busca a construção de uma comunidade acolhedora.

Diante desse cenário, nota-se a inércia do poder público na reintegração dos habitantes em condição de rua nas estruturas sociais — como a escola — enquanto mantenedora da problemática. Sob esse viés, no livro “Vidas secas”, Graciliano Ramos retrata a deficiência da máquina pública em lidar com a exclusão social dos povos em vulnerabilidade — entre eles, os moradores de rua — na medida em que a maior parte das verbas estatais vai para instituições, como os hospitais públicos, e não para assistência da população. Desse modo, as mulheres, em específico, além de estarem expostas à má alimentação, à falta de acesso aos serviços de saúde e à ausência da vida escolar, também enfrentam violência no espaço público — devido à ineficiência de cuidado governamental na segurança urbana, a exemplo da exploração sexual. Logo, para que a comunidade hodierna seja acolhedora, é preciso mitigar a discriminação contra esse grupo por meio de políticas governamentais.

Ademais, a constante estigmatização da sociedade civil no que diz respeito às pessoas com ausência de moradia perpetua esse cenário errôneo de exclusão. Sob o ponto de vista do sociólogo Zygmunt Bauman, a modernidade contém “refugos humanos”, isto é, pessoas consideradas descartáveis para a população. A partir disso, observa-se que o grupo em vulnerabilidade habitacional é ignorado por parte dos brasileiros ou, até mesmo, reduzido a um problema de limpeza nas cidades — retratando-o como indivíduos com ausência de higiene. Consequentemente, a criação desses estigmas impulsiona o isolamento dessa parcela da sociedade e dificulta seu reingresso no mercado de trabalho, uma vez que o preconceito sobrepõe as habilidades deles em entrevistas de emprego. Dessa maneira, nota-se que, enquanto a invisibilização social desse coletivo persistir na hodiernidade, difícil será enfrentar a exclusão da parcela feminina dele no Brasil.



Dessarte, nota-se a ausência de ações estatais efetivas na redução da problemática. Portanto, cabe ao Governo Federal, na forma de Ministério da Cidadania, em parceria com governos estaduais e municipais, criar centros comunitários que habitem pessoas em situação de rua, com prioridade às mulheres, por meio da reintegração desse conjunto de indivíduos no mercado de trabalho, a fim de que consigam, além de uma moradia digna, alimentar-se bem e viver em segurança. Assim, espera-se que, a longo prazo, menos mulheres sofram violência nas ruas e que esse grupo se reintegre na sociedade do mesmo modo que o cantor The Weeknd.



TEXTO 06

Estudante: Evelyn Pereira de Souza Santos

1º Lugar da Unidade - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

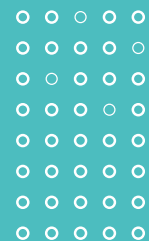
Escola Profissionalizante Santo Agostinho

No antigo Japão Oriental, especialmente em cidades imperiais, as mulheres escolhidas para servir como cortesãs do imperador eram valorizadas apenas para fins sexuais e para gerar herdeiros para o superior, sendo descartadas facilmente e expostas à situação de rua, caso não proporcionassem contentamento. Analogamente, no Brasil hodierno, as figuras femininas que sofrem vulnerabilidade de um lar são excluídas do meio social. Sendo assim, é válido destacar a importância de ensinar um discernimento acolhedor em escolas e findar os erros que decorrem, principalmente, da falta de empatia guiada por uma lógica individualista.

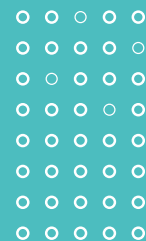
Sob esse viés, configura-se a necessidade de disseminar um pensamento solidário, um dos principais catalisadores para a resolução da problemática. No filme “Narradores de Javé”, dirigido por Eliane Café, evidencia-se a imperiosa ação de compartilhar memórias e experiências para o fortalecimento da união de uma comunidade. Nessa ótica, a educação voltada a serviços comunitários rompe com a falha cultura egoísta presente na atual sociedade brasileira. Por conseguinte, aulas realizadas com o objetivo de lecionar a crucial forma adequada de tratar as mulheres para meninos jovens contribuem para evitar a criação de adultos violentos e misóginos na população. Assim, é preciso fomentar palestras em instituições de ensino sobre o perigo do uso de drogas, para que também não ocorra o aumento de casos.

Outrossim, compreende-se o avanço do individualismo no país verde-amarelo, uma anomalia que segue se repetindo erroneamente na nação. Consoante a filosofia africana Ubuntu, os laços sociais são responsáveis pela construção da identidade de um indivíduo. Nesse sentido, a existência de uma comunidade acolhedora é imprescindível para o combate à segregação de uma mulher na sociedade. Sob essa perspectiva, a orientação egoísta ocasiona uma barreira para a ruptura da temática ao se observar que, na atualidade, existem poucos projetos de doação para amparar vítimas de marginalização.

Portanto, faz-se necessário superar esses obstáculos vinculados à rejeição feminina. Desse modo, urge que o Ministério da Educação, em parceria com instituições de ensino, promova a conscientização de uma geração empática por meio de palestras guiadas por profissionais capacitados e mulheres que já vivenciaram essa situação de vulnerabilidade com o objetivo de gerar jovens que quebrem o perene ciclo de abuso e desrespeito. Ademais, cabe à mídia divulgar a ideia de uma comunidade coletiva por intermédio de incentivos a programas de doações



e serviços comunitários que evidenciem as dificuldades enfrentadas por figuras femininas, marcadas pela ausência de uma moradia, a fim de recrutar um número maior de doadores e apoiadores para o enfrentamento da causa e romper com o pensamento individualista. Somente assim será possível mudar a infeliz realidade herdada historicamente desde o Japão Oriental no hodierno Brasil.



TEXTO 07

Estudante: Lara Martins Scarpelli

3º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

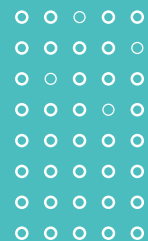
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

Na novela “Chiquititas”, Pata é uma jovem órfã e marginalizada que vive na rua e enfrenta desafios cotidianos de sobrevivência junto a seu irmão. Nesse sentido, em analogia à realidade brasileira, torna-se evidente a disparidade entre homens e mulheres desabrigados ligada à maneira como a fragilidade afeta a vida, a saúde, a segurança e a dignidade de cada um e como isso se reflete na perpetuação de um ciclo de preconceito e exclusão do gênero feminino na sociedade. Logo, é imprescindível destacar a influência da negligência social e da omissão estatal na problemática.

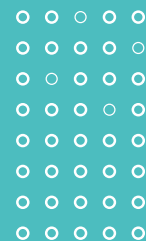
Diante desse cenário, a falta de apoio da população é um obstáculo significativo para o combate à temática. Sob esse viés, a organização beneficente “Botary”, de Minas Gerais, possui programas de assistência social que colaboram para a saúde e o bem-estar de pessoas em situação de rua, dado que, anualmente, promove eventos de distribuição de utensílios de higiene pessoal, inclusive absorventes para as mulheres. Entretanto, observa-se, no país, a carência de mais comunidades dispostas a fornecer o tempo e a verba necessária para contribuir para uma vida mais plena desse grupo, principalmente às mulheres, uma vez que a privação de itens de cuidado gera impactos graves, como a pobreza menstrual, que, consequentemente, pode levar à contração de doenças e infecções bem como a situações de constrangimento. Com isso, vale mobilizar o corpo civil acerca da magnitude com que pequenas atitudes podem ajudar e confortar pessoas desabrigadas.

Ademais, é importante discutir como a passividade do governo também é um desafio relevante para contornar o problema. Sob essa ótica, a obra “O cortiço” é uma narrativa que aborda como tema central a vivência precária de moradores das periferias do Rio de Janeiro e critica a forma com que o abandono do Estado intensifica a vulnerabilidade desses indivíduos, já que não possuem seus direitos básicos garantidos e são excluídos de medidas de proteção e acolhimento. Nessa lógica, percebe-se que a carência de uma atuação firme do corpo político pode fomentar a prática de atividades como a prostituição, visto que a falta de apoio potencializa a desigualdade socioeconômica e a ausência de acesso a oportunidades de ascensão, o que, muitas vezes, pode fazer com que muitas mulheres recorram ao trabalho com seus corpos e em condições hostis de sobrevivência. Assim, é crucial avaliar o papel governamental em se posicionar mais ativamente, com ações concretas, para uma comunidade mais justa e inclusiva com as mulheres em situação de rua.

Portanto, a omissão do corpo social e a negligência do Estado são entraves que devem ser solucionados. Para tanto, cabe ao Governo Federal, juntamente



com associações de assistência, promover programas de cuidado e reinserção para mulheres desabrigadas, por meio de verbas e arrecadações públicas, além de palestras de sensibilização para a sociedade — que abordarão formas simples e eficazes de ajudar e o impacto de ignorar situações como essa. Espera-se, por fim, que, com iniciativas conjuntas e responsáveis, o Brasil possa alcançar um futuro mais acolhedor e preocupado com a dignidade do gênero feminino.



TEXTO 08

Estudante: Lucas Marelli Coimbra

4º Lugar Geral - Categoria 5

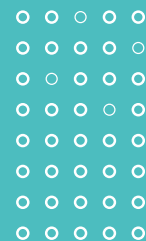
2ª e 3ª séries – Ensino Médio

Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

Na série “This is us”, da Disney+, a mãe biológica da filha adotiva de Kendall, um dos protagonistas, sofreu uma crise financeira pela perda do emprego seguida de endividamentos com o banco, obrigando-a a enfrentar as ruas como última opção de moradia, revelando, nesse período, o preconceito e a discriminação sofridos por alguém nessa posição de vulnerabilidade. Nessa lógica, assim como na ficção, o enfrentamento à exclusão de mulheres em situação de rua ainda é um desafio, impedindo a construção de uma comunidade acolhedora. Logo, urge analisar, como desafios à superação desse cenário, a falta de oportunidades de emprego e o descaso governamental.

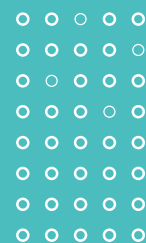
De início, destaca-se como obstáculo para enfrentar esse cenário de exclusão a falta de oportunidades de emprego. Isso ocorre, pois mulheres em situação de rua não representam para os negócios uma opção lucrativa ou benéfica, já que não possuem, em sua maioria, graduação ou ensino superior, com base na sua situação socioeconômica, apresentando limitações quanto aos saberes e noções esperados pelo empregador. Além disso, sendo mulheres, a situação se torna mais complexa, por causa do machismo do mercado, que as aponta como menos produtivas. De acordo com Bourdieu, a falta de capital cultural, social e simbólico de moradores de rua impede o alcance do capital econômico em empregos dignos, representando uma reprodução de desigualdades que, somada à dominação masculina, se revela sobre as mulheres, tornando esse cenário mais difícil para essa população. Desse modo, mulheres em situação de rua não são incluídas socialmente, restando-lhes empregos na prostituição como meio de sobrevivência.

Ademais, o descaso governamental se revela como um grande empecilho para a construção de uma comunidade acolhedora para essa população. Isso se aplica à vulnerabilidade vivida por mulheres em situação de rua, que não se encontram em condições de melhorar de vida ou de sair da precariedade sem o auxílio de um agente externo, já que elas podem estar envolvidas em endividamento econômico, vício em drogas e dependência da prostituição como fonte de renda, sendo de extrema dificuldade romper com esses vínculos. De acordo com Achille Mbembe, a “necropolítica” ocorre quando o Estado escolhe qual indivíduo vale a pena ajudar e auxiliar por critérios sociais, econômicos e políticos, levando em conta sua utilidade nesses quesitos, de modo que os considerados “inúteis” são descartados e abandonados, revelando a situação que sujeitos sem moradia enfrentam. Nesse cenário, a falta de auxílio governamental impede essa população de melhorar as condições de vida, revelando, como consequências, o risco aumentado de violência



de gênero e exploração sexual.

Portanto, cabe ao Governo Federal, órgão responsável por garantir os direitos dos brasileiros e seu efetivo cumprimento, realizar iniciativas de inclusão dessas mulheres. Essa ação terá como meio o financiamento de ONGs, como a “SP Invisível”, que busca auxiliar mulheres em situação de rua na busca por empregos e inclusão produtiva, com a finalidade de aumentar a participação desse público no mercado e melhorar sua condição de vida. Dessa maneira, o Estado estará mais engajado nessa causa e essas pessoas sairão da precariedade.



TEXTO 09

Estudante: Gabriela Racilan Santana Vieira

5º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

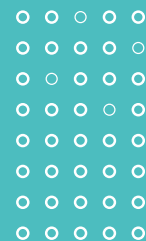
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

Na telenovela “Chiquititas”, a personagem Pata, uma órfã que vive nas avenidas de São Paulo, enfrenta a vulnerabilidade não só pela falta de acesso a alimentos e a serviços de saúde, mas também pelos casos de assédio. De forma análoga, no Brasil, percebe-se que a realidade da sociedade prejudica o combate à violência feminina e fomenta a exclusão de mulheres, sobretudo das que se encontram em situação de rua, o que dificulta a construção de uma comunidade acolhedora. Logo, evidencia-se a cultura de invisibilização desse grupo, bem como a negligência governamental direcionada ao enfrentamento da problemática.

Diante desse cenário, a normalização da indiferença contra as mulheres transforma-as em vítimas. Sob esse viés, o livro “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, expõe a exclusão social vivenciada pela personagem Macabéa e relacionada à discriminação do seu gênero, de modo que, por estar em uma posição de vulnerabilidade, tem seu destino manipulado por outras pessoas. Consequentemente, as jovens em situação de rua estão em um contexto de violências de gênero profundas, já que esse apagamento social transmite ao agressor uma falsa sensação de impunidade. Assim, é notório que a dificuldade de reconhecimento compromete a dignidade das mulheres que não têm voz para questionar e denunciar os crimes sofridos.

Ademais, a ausência de intervenção do Estado na identificação e no suporte às mulheres vulneráveis contribui para a exclusão delas. Nessa lógica, a música “Heal the world” questiona a priorização de interesses próprios e o individualismo entre as pessoas e as instituições ao propor um modo mais empático, uma vez que existem poucas intervenções inclusivas e específicas. Por conseguinte, essa negligência compromete a inserção das mulheres no mercado de trabalho, de forma que elas não encontram assistência por meio de iniciativas em prol de empregabilidade, como cursos que se adequem a esse público. Com isso, infelizmente, é perceptível que a exclusão e a invisibilização delas se tornam enraizadas, estruturadas e institucionalizadas.

Portanto, medidas precisam ser implementadas para combater a cultura de invisibilização e a negligência governamental. Para tanto, o Ministério da Educação deve mobilizar recursos para projetos que reconheçam mulheres vulneráveis, por meio de campanhas conscientizadoras sobre os danos dessa exclusão e da oferta de cursos gratuitos que visem alcançar sua empregabilidade, como oficinas sobre trabalhos manuais simples. Isso deve ocorrer a fim de promover dignidade para as jovens em situação de rua e incluí-las de forma justa na sociedade e, dessa forma, construir uma comunidade acolhedora.



TEXTO 10

Estudante: Júlia Luísa Debona Altoé

6º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

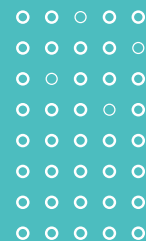
Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem

O livro “O senhor dos anéis” apresenta uma pequena vila de Hobbits, na qual o órfão Frodo é acolhido e educado pelos moradores, de tal maneira que se dispôs a lutar contra perigos apenas para proteger o vilarejo. De forma análoga, no Brasil, as comunidades influenciam a formação do indivíduo, assim como na obra, a partir da construção do senso de coletividade e da educação cidadã, aspectos fundamentais para o desenvolvimento do ser.

Diante desse contexto, cabe à comunidade potencializar a formação dos jovens por meio da educação. Sob esse viés, a cientista política e ex-deputada federal Áurea Carolina reforça, em seus artigos, a importância de ensinar para além das escolas, utilizando a própria cidadania como recurso, uma vez que, eventualmente, a juventude ocupará os espaços políticos. Consequentemente, ao atingir a maioria após vivenciar uma educação cidadã, o jovem participará da sociedade com mais criticidade e consciência, já que a comunidade exerceu seu papel conscientizador. Assim, é notório o impacto que diferentes coletivos, quando associados à educação, têm no futuro do Brasil.

Ademais, nota-se o papel exercido pela população na construção do senso de coletividade. Diante disso, a socióloga e psicanalista Geni Nunez disserta, em seu livro “Descolonizando afetos”, como a empatia e a capacidade de agir democraticamente partem da vivência comunitária. Nesse sentido, uma criança que cresce em um ambiente individualista enfrentará desafios de convivência e tenderá a desenvolver complexos narcisistas, enquanto uma que vivencia a comunidade torna-se empática e age de forma coletiva. Logo, o pertencimento do jovem à sociedade é impactado pelo acolhimento, ou pela falta dele, por parte das pessoas com quem ele convive.

Portanto, o Ministério da Educação e os governadores devem investir em educação cidadã, através de fundos estaduais que estarão disponíveis para propostas educativas originadas nas comunidades, a fim de formar indivíduos capacitados e conscientes. Dessa forma, será possível que a juventude brasileira aprenda sobre política e cidadania, além de que a população realize seu papel na formação das próximas gerações.



TEXTO 11

Estudante: Rafaela Caldeira Massara Scalabrini Silveira

7º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

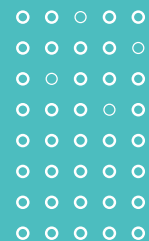
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

Conforme o Art. 6º da Constituição Federal de 1988, o acesso à educação, à segurança, à moradia, entre outros direitos, é essencial para a consolidação da cidadania em uma sociedade. Tal preceito, embora vise garantir a inclusão social dos indivíduos em toda a sua plenitude, não é efetivado no cenário brasileiro, principalmente em relação às mulheres, haja vista que, de acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação, 40% das violações ocorrem contra as mulheres que se encontram em situação de rua, fator que infringe o direito à segurança. Logo, para investir em uma comunidade acolhedora, a partir do enfrentamento da exclusão da parcela mencionada, é fundamental discutir a cultura individualista, bem como a desigualdade de gênero.

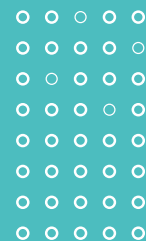
Diante dessa análise, a sociedade contemporânea é marcada por disputas sociais e econômicas, sendo elas as responsáveis pela configuração da cultura que prioriza o bem-estar e o prestígio individual em detrimento do reconhecimento universal de seus membros. Nesse viés, o sentimento de interdependência humana foi deixado de lado, fator esse que intensifica a invisibilidade de sujeitos em vulnerabilidade social, como as mulheres sem moradia. Isso sinaliza lacunas em uma comunidade que, em tese, deveria apresentar atos de afeto e amparo com o próximo, buscando, assim, perpetuar a mutualidade na convivência democrática, mas que, na realidade, é repleta de demonstrações de aversão com o outro, a exemplo de exploração sexual, discriminação e violência de gênero. Em paralelo, o poema “Mãos dadas”, de Carlos Drummond de Andrade, reflete essa dinâmica ao evidenciar um eu lírico que expõe o desejo de combater o individualismo e restaurar a interdependência humana, afirmando que ela é o ponto de partida para estabelecer um mundo em paz e acolhimento. O verso “Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas” sintetiza isso. Dessa forma, é importante romper com a mentalidade individual.

Ademais, a desigualdade de gênero é uma problemática enraizada na esfera social do globo. Nesse sentido, a socióloga Hannah Arendt introduziu o conceito de “Banalidade do Mal” como a naturalização, manifestada em sociedades de massa, da violência para beneficiar um oligopólio, garantindo a existência de um grupo subjugado — nesse contexto, as mulheres. Num cenário, o apoio prestado à parcela vulnerável é esvaziado de sentido, já que o tom agressivo é fundamental para o estabelecimento do silenciamento dessas mulheres. Dessa maneira, é necessário mitigar a desigualdade de gênero.

Portanto, a cultura individualista deve ser combatida para conquistar uma comunidade acolhedora. Assim, compete às mídias comunicativas — grandes formadoras da opinião da sociedade — a postagem de campanhas apelativas e críti-



cas sobre as disputas sociais responsáveis pela maior invisibilidade das mulheres vulneráveis, mediante o jornal e a TV, a fim de conscientizar a população acerca do caráter individualista que prejudica milhares de mulheres e fomenta uma comunidade injusta. Talvez, assim, os direitos do Art. 6º sejam plenamente efetivados.



TEXTO 12

Estudante: Luca Amorim Costa Burmann

8º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

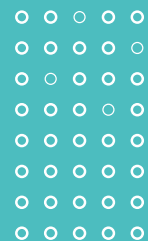
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

O Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) divulgou, em 2026, que, apesar de representarem cerca de 15% da população em situação de rua no país, as mulheres foram vítimas de 40% das violações notificadas pelas quais passaram. Analogamente, essa realidade presente em todo o país demonstra a urgente necessidade de se debater maneiras de enfrentar a exclusão desse público para a construção de uma comunidade acolhedora. Nesse sentido, é fundamental discutir caminhos para romper com a mentalidade historicamente machista da sociedade e o descaso estatal, com o intuito de trazer dignidade às afetadas.

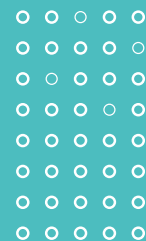
Inicialmente, é notável como o preconceito com o universo feminino apresenta uma raiz histórica na nação. Nesse viés, a obra “Opúsculo Humanitário”, de Nêga Floresta, exemplifica essa situação ao fazer uma análise, desde a Antiguidade Clássica, acerca do papel concedido às mulheres socialmente, o qual era sempre tratado como inferior ao dos homens e atrelado à reprodução. Trazendo à atualidade, esse ensaio é de extrema importância, pois pode ser percebido no contexto das moradoras de rua, haja vista que ainda existe um estigma atrelado às mulheres, as quais são desvalorizadas e desumanizadas, passando por casos de abuso e de assédio. Tais crimes são potencializados pela vulnerabilidade da pobreza em que estão inseridas, não garantindo a elas asilo, proteção e acolhimento digno. Dessa forma, há uma piora e uma dificuldade maior na resolução do problema, sendo necessário tratar não apenas da garantia de moradia, mas também da segurança sexual e física das vítimas.

Ademais, é visível como o Estado deve atuar de modo mais direcionado e preocupado para amenizar os impactos da problemática. Isso ocorre porque não existe significativa mobilização governamental para atender às demandas impostas pelos moradores de rua, como a disponibilização de água e de alimentos, às quais são somadas, ainda, questões específicas do universo feminino, tais como o uso de absorventes, evidenciam o descaso estatal. A exemplo disso, tem-se o conceito de “cidadanias mutiladas”, de Milton Santos, que ilustra exatamente o enunciado ao tratar sobre como, na atualidade, a garantia de muitos direitos básicos está atrelada a uma condição social e de prestígio elevada, impossibilitando a uma parcela relevante da nação, como as moradoras em situação de rua, o exercício de sua cidadania. Desse modo, é notório como a pouca preocupação por parte das instituições públicas interfere na questão e contribui para a perpetuação de ciclos de pobreza e de exclusão.

Portanto, é imprescindível que medidas sejam tomadas para acabar com a marginalização de mulheres em situação de rua. Logo, cabe ao Ministério da Educa-



ção implementar campanhas em escolas, por meio de palestras com especialistas, como sociólogos, a fim de acabar com a mentalidade preconceituosa da população. Além disso, o Governo Federal deve ampliar os trabalhos voltados para esse grupo social, mediante a redistribuição de verbas, com o fito de trazer maior dignidade a ele. Assim, o cenário apresentado pelo Sinan poderá ser alterado, promovendo um ambiente acolhedor às afetadas.



TEXTO 13

Estudante: Luiza Teixeira Fazito Leite da Silva

9º Lugar Geral - Categoria 5

2ª e 3ª séries – Ensino Médio

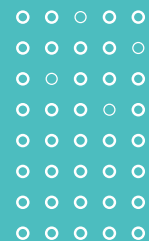
Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte

O livro “Quarto de Despejo”, publicado no século XX, revela as dificuldades enfrentadas por uma mulher negra marginalizada no Brasil, como a extrema pobreza, diretamente relacionadas ao seu recorte de sexo, classe e raça. Nesse sentido, a realidade se aproxima de tal obra, uma vez que ainda há obstáculos ao enfrentamento da exclusão de mulheres em situação de rua no país, o que impede a construção de uma comunidade acolhedora. Dessa forma, cabe analisar a violência contra esse grupo e a discriminação de gênero como entraves para essa questão.

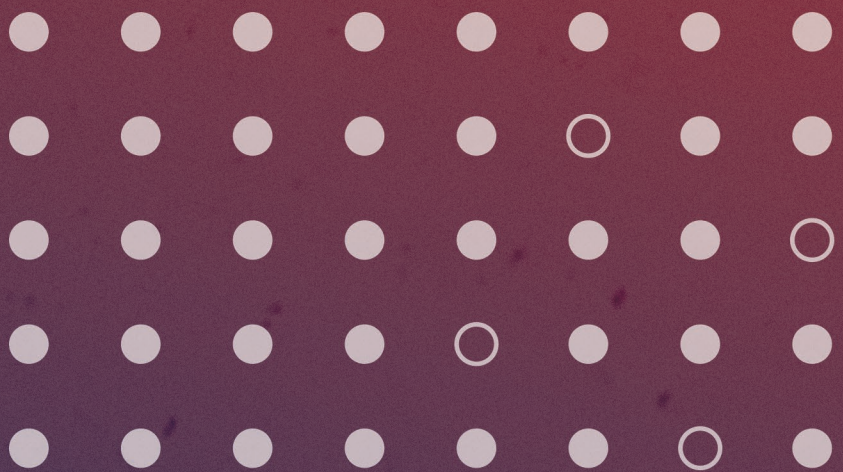
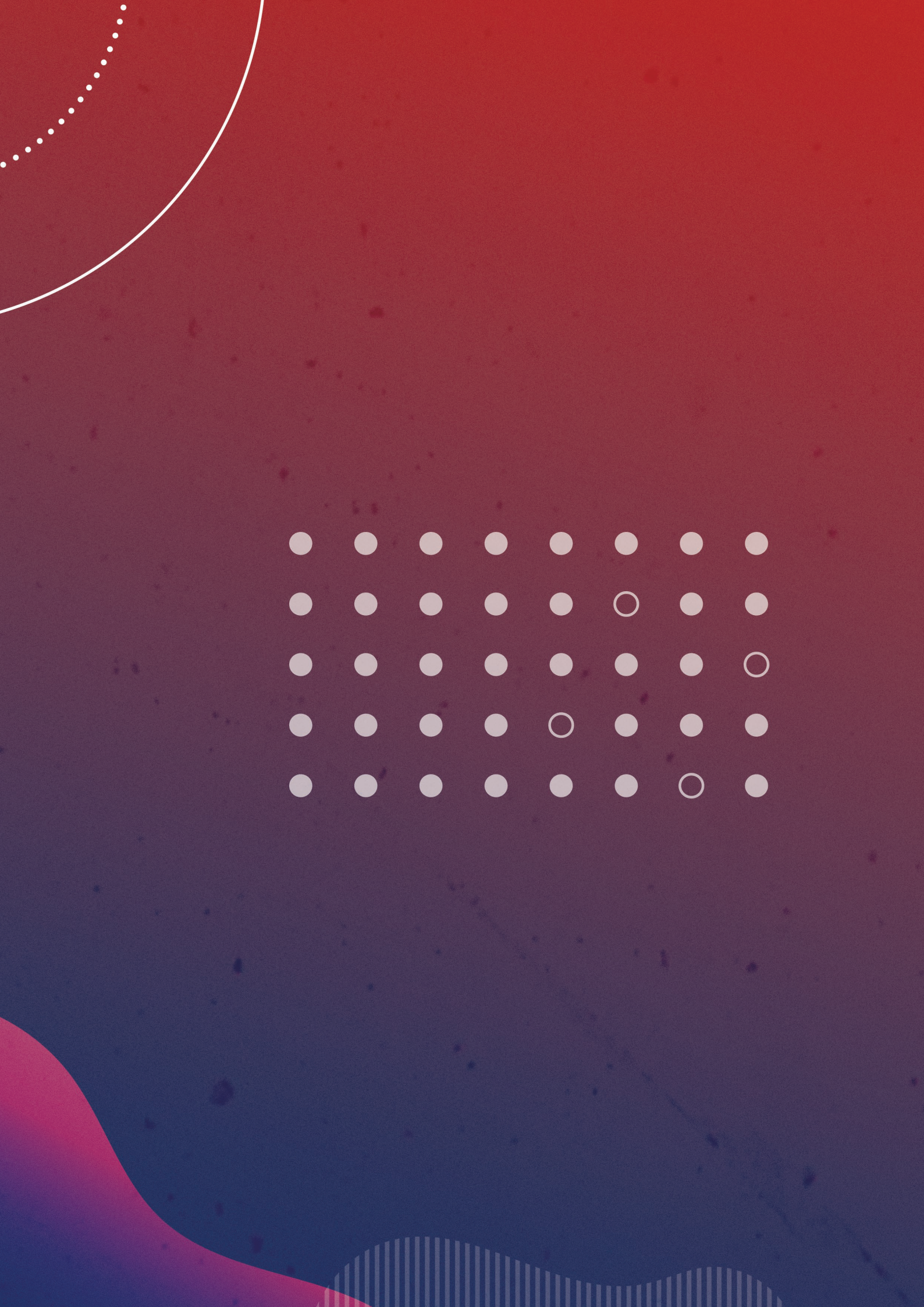
A princípio, sabe-se que, diversas vezes, o abuso físico, sexual e psicológico dentro de casa provoca a saída da mulher da própria residência. Esse fenômeno ocorre, pois, ao enfrentar tais violências, a vítima, desamparada e em busca de sobrevivência, se afasta para evitar o convívio com seu agressor. Isso evoca o cenário apresentado na novela Chiquititas, do SBT, em que a personagem Maria foge de casa após sofrer violências físicas de seu padrasto, passando a ser uma criança sem teto e, conseqüentemente, vivenciando situações extremas, como o frio e a fome. Logo, para romper esse padrão, é importante criar casas de acolhimento para as moradoras de rua, assegurando sua segurança e seu distanciamento do criminoso, assim promovendo uma sociedade de solidariedade.

Ademais, é evidente que a condição de ser mulher aumenta ainda mais a vulnerabilidade vivenciada durante a situação de rua. Isso acontece porque as dificuldades enfrentadas por pessoas marginalizadas vão além das sofridas por ambos os sexos, como a insegurança alimentar, a ausência de serviços de saúde e a falta de moradia, e contemplam questões exclusivas do gênero feminino, como a exploração sexual e a pobreza menstrual. Esse fato somente é possível em função da discriminação contra a mulher, presente na estrutura social machista vigente, que negligencia os direitos femininos, seja do próprio corpo, seja da saúde íntima. Nesse contexto, o conceito de “interseccionalidade”, da filósofa Simone de Beauvoir, explica que a sobreposição de condições consideradas de inferioridade social, como raça, gênero, classe e orientação sexual, se sobrepõe, aumentando a violência sofrida pelo indivíduo e os desdobramentos dela. Desse modo, a vulnerabilidade cresce quando, além da ausência de moradia, o indivíduo é uma mulher, o que deve ser combatido por intermédio de políticas públicas de gênero.

Portanto, urge a necessidade de se tomarem medidas para combater a exclusão de mulheres em situação de rua no Brasil. Nesse viés, cabe ao Estado — órgão responsável pela criação de políticas públicas — promover casas de acolhimento às mulheres em vulnerabilidade, por meio do redirecionamento de verbas para a contratação de profissionais adequados para o cuidado com essas pessoas, como



médicos e psicólogos, a fim de garantir sua segurança e saúde. Além disso, é dever do Ministério da Educação realizar campanhas de conscientização para romper com o machismo estrutural. Somente assim será possível assegurar uma comunidade acolhedora na sociedade contemporânea.



O que acontece quando jovens estudantes são convidados a olhar para o mundo ao seu redor com empatia, criticidade e sensibilidade social?



Em sua quinta edição, a Maratona Agostiniana de Redação reuniu 1.286 participantes em prol de um propósito transformador: incentivar a escrita de excelência acadêmica e despertar o compromisso com temas fundamentais para a nossa sociedade. Entre tantas vozes talentosas, esta obra reúne as 65 produções premiadas, que se destacaram pelo rigor técnico, maturidade reflexiva e sensibilidade humana.

Ao longo desta coletânea, a diversidade de olhares ganha forma por meio de diferentes gêneros e etapas do aprendizado, reunindo, desde relatos pessoais do 6º ano sobre afeto e o direito a um lar, até contos de aventura do 7º e 8º anos, nos quais cooperação e empatia superam desafios. A trajetória avança com as crônicas narrativas do 9º ano, que provocam reflexões sobre a moradia digna no Brasil, passando pelos artigos de opinião da 1ª série do Ensino Médio sobre a responsabilidade social e a diversidade na escola, e culmina nos textos dissertativo-argumentativos da 2ª e 3ª séries, que debatem com rigor o papel transformador da comunidade e o combate à exclusão de mulheres em situação de rua.

Mais do que uma celebração da arte de escrever, este livro é um convite para enxergar o poder transformador da coletividade. Uma leitura inspiradora que celebra a força da palavra escrita e o protagonismo de uma jovem geração consciente do seu papel no mundo.

Equipe de Produção de Textos da Rede Lius Agostinianos



ESCOLA PROFISSIONALIZANTE
SANTO AGOSTINHO
Agostinianos



COLÉGIO
SANTO AGOSTINHO
Agostinianos

